

# Libri di Luca

MIKKEL BIRKEGAARD

# Libri di Luca

Tradução de  
Kristin Garrubo



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2010

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Birkegaard, Mikkel, 1968-  
B52l Libri di Luca / Mikkel Birkegaard; tradução de Kristin Lie  
Garrubo. – Rio de Janeiro: Record, 2010.

Tradução de: Libri di Luca  
ISBN 978-85-01-08470-5

1. Romance dinamarquês. I. Garrubo, Kristin Lie.  
II. Título.

10-1488.

CDD: 839.813  
CDU: 821.113.4

Título original em inglês:  
Libbri di Luca

Copyright © Mikkel Birkegaard, 2007

Editoração eletrônica: Abreu's System

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de  
quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil  
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000  
que se reserva a propriedade literária desta tradução

---

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-08470-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



# 1

Para Luca Campelli, o desejo de morrer cercado de seus amados livros realizou-se numa noite de outubro.

Naturalmente, é o tipo de desejo que nunca se articula em palavras ou pensamentos, mas as pessoas que viram Luca em seu sebo sabiam que deveria ser assim. Entre os inumeráveis livros do Libri di Luca, o pequeno italiano movimentava-se como se estivesse em sua própria sala de estar e era capaz de dirigir seus clientes, sem qualquer hesitação, até a prateleira ou a pilha exata onde o livro solicitado se encontrava. Quem conversasse com Luca logo descobria sua notória paixão pela literatura, e não importava se o volume em questão fosse um desgastado livro de bolso ou uma valiosa primeira edição. Seu conhecimento revelava uma longa convivência com os livros. Vendo a autoridade de Luca entre as estantes do sebo, era difícil imaginá-lo fora da atmosfera aconchegante de serena devoção que reinava no local.

Essa noite, portanto, era extraordinária, e seria também a última noite de Luca; fazia uma semana que ele não estivera ali. Ansioso por rever a loja, ele tomou um táxi do aeroporto até o sebo em Vesterbro, Copenhague. Durante todo o trajeto, mal conseguiu ficar quieto e, quando o carro afinal parou, tinha tanta pressa em pagar e sair que o motorista recebeu uma gorjeta mais que generosa para evitar o incômodo do troco. Agradecido, o taxista tirou as duas malas de Luca do bagageiro, antes de despedir-se do passageiro idoso já na calçada.

A loja estava escura e tinha um aspecto nada hospitaleiro, mas Luca sorriu ao ver a fachada familiar com o letreiro amarelo, Libri di Luca, pintado nas janelas. Ele arrastou as malas até a porta, pousando-as com alívio sobre a soleira. O vento de outono deu um puxão no sobretudo assim que

Luca o abriu, e as abas agitaram-se quando ele esticou a mão para pegar as chaves no bolso interno.

O tilintar dos sinos sobre a porta deu-lhe as boas-vindas, e ele apressou-se em puxar as malas sobre o tapete vermelho-escuro, antes de fechar de vez a porta. Endireitou-se e permaneceu em pé de olhos fechados, inalando profundamente o tão conhecido cheiro de papel amarelado e couro antigo. Ficou assim por alguns segundos enquanto o som dos sinos emudecia. Só então abriu os olhos e acendeu a luz, embora não fosse necessário. Depois de andar pelo mesmo local há mais de cinquenta anos, era capaz de orientar-se no escuro sem problemas. Mesmo assim, apertou todos os interruptores do painel atrás da porta para que a iluminação sobre as estantes e as lâmpadas dos armários envidraçados do mezanino também se acendessem.

Foi para trás do balcão e tirou o sobretudo. Do armário debaixo da mesa, puxou uma garrafa de conhaque e uma taça, enchendo-a com a bebida. De taça na mão, Luca posicionou-se no centro da loja iluminada, olhando em volta com um sorriso satisfeito. Um gole do líquido dourado completou o momento, e ele fez um gesto de aprovação para si mesmo, inspirando fundo.

Levando o conhaque consigo, passou devagar por entre as estantes, examinando as fileiras de livros. É provável que outros olhos não tivessem visto as mudanças ocorridas durante a semana anterior, mas Luca notou as pequenas modificações imediatamente: livros que foram vendidos ou trocaram de lugar, novos livros inseridos entre os velhos e pilhas que haviam sido movidas ou misturadas. Em sua ronda, Luca ajustou os livros para que todos estivessem alinhados e trocou as obras colocadas no lugar errado. De vez em quando, pousava o copo cuidadosamente para tirar um livro que não havia visto antes. Folheava-o com curiosidade, estudava os tipos com que havia sido composto e deixava os dedos sentirem a textura do papel. Por fim, fechava os olhos e segurava o livro perto do nariz para inalar o cheiro peculiar das páginas, como se fosse um vinho de safra especial. Após estudar a capa e a encadernação mais uma vez, colocava a obra de volta com cuidado, encolhendo os ombros ou fazendo um gesto de aprovação. Pelo visto, as disposições do ajudante durante a ausência do dono eram aceitas, já que havia mais gestos de aprovação que de recusa em sua passagem pela loja.

O nome do ajudante era Iversen, e ele trabalhava na loja há tanto tempo que mais parecia um sócio do que de um empregado, mas, embora Iversen amasse a loja tanto quanto o próprio Luca, nunca houve sinais de uma parceria de verdade. O sebo era o legado do pai de Luca, Arman, e a intenção sempre fora mantê-lo nas mãos da família Campelli.

Poucas coisas mudaram desde que Arman deixou a loja para Luca, mas o mezanino ao nível do primeiro andar era a mudança mais notável. O mezanino tinha mais de 1,5 metro de largura e acompanhava todas as quatro paredes. Pela clientela, o acréscimo logo fora batizado de “Céu”, já que as obras mais preciosas se encontravam ali, protegidas e expostas em mostruários.

Antes de subir até o mezanino, Luca voltou ao balcão para servir-se de mais uma dose de conhaque. Em seguida, foi até o fundo da loja, onde uma escada de caracol se erguia até o patamar acima. A escada cedeu perigosamente quando ele subiu os degraus desgastados, mas Luca continuou impávido sua escalada e logo alcançou o topo. Ali, virou-se e observou a loja. Com um pouco de imaginação, as estantes embaixo dele até pareciam um labirinto de arbustos bem-aperados, mas Luca conhecia tudo muito bem para se perder, e seus olhos logo se ajustaram, focando as duas malas atrás da porta.

De repente, rugas e seriedade anuviaram o rosto vincado, e os olhos castanhos pareciam enxergar paragens mais distantes que o andar abaixo. Pensativo, Luca ergueu o copo e cheirou o conhaque, antes de tomar um trago e desviar o olhar dos dois corpos estranhos dirigindo a atenção às estantes do mezanino.

A iluminação dos armários envidraçados era suave, conferindo às obras protegidas um brilho romântico, dourado. Atrás da vidraça, os tomos estavam expostos como pequenas obras de arte, alguns abertos, mostrando gravuras coloridas e retratos das histórias neles contidas, outros fechados, a fim de valorizar o trabalho artesanal que fora investido na encadernação ou no couro curtido.

Luca andou devagar com uma das mãos no corrimão do mezanino e a outra fechada em torno do copo, com o qual fazia pequenos movimentos circulares, enquanto deslizava o olhar sobre o conteúdo dos armários. De modo geral, não havia grande rotatividade entre as obras do primeiro pavimento; apenas algumas poucas pessoas podiam se dar ao luxo de comprá-

las, e as que podiam compravam, em regra, exemplares criteriosamente selecionados para suas coleções.

Novas obras eram quase que exclusivamente acrescentadas por meio de compras de espólios ou, em casos mais raros, de leilões de livros.

Portanto, Luca enrijeceu ao avistar um tomo específico. Franziu a testa e deixou o copo no corrimão antes de inclinar-se para a vidraça a fim de estudar a obra de perto. A encadernação era de couro preto com letras douradas, e as bordas do papel também estavam revestidas de ouro. Luca arregalou os olhos assim que se aproximou o suficiente para ler o título e o nome do autor. Era uma edição elaborada das *Operette morali* de Giacomo Leopardi, em excelente estado e pelo visto em italiano, a língua original — e a língua materna de Luca.

Luca ajoelhou-se e, visivelmente comovido, abriu o mostruário. Com as mãos trêmulas, esticou o braço até o bolso da camisa e pescou os óculos, pondo-os no nariz. Cauteloso, como se não quisesse assustar a presa, inclinou-se para a frente e pegou o livro com ambas as mãos. Tendo-se apoderado do troféu, tirou-o do armário e, maravilhado, virou e revirou a obra. Vincos profundos apareceram em sua testa, e ele levantou-se com um sobressalto lançando um olhar indagativo em volta, como se intuísse que havia alguém o vigiando, espectadores ocultos desse achado extraordinário. Sem conseguir ver ninguém, voltou os olhos para o volume em suas mãos e abriu-o com cuidado.

Na folha de rosto, leu que se tratava da primeira edição, uma circunstância que, juntamente com o ano da impressão, 1827, justificaria seu lugar no Céu. O papel tinha uma estrutura robusta, e foi com visível prazer que ele deixou os dedos deslizarem sobre a página. Em seguida, ergueu o livro até o nariz e aspirou o cheiro. Havia um aroma levemente condimentado de algo que identificou como louro.

Meticulosamente, continuou a folhear o livro e parou numa gravura que retratava a Morte, com capa e foice. A ilustração era muito bem elaborada, e, embora a examinasse detalhadamente, não conseguia descobrir nenhuma falha na impressão. A gravura a entalhe, um método de impressão trabalhoso, era muito difundida no século XIX, destacando-se por um grau de detalhamento e finura muito superior às melhores xilogravuras. Em compensação, o papel teria de ser impresso duas vezes, já que a tinta

se encontrava nas reentrâncias da placa de cobre, ao contrário do próprio texto, que era fundido em chumbo e relevo.

Luca virou diversas páginas e admirou com entusiasmo as outras gravuras a entalhe contidas no livro. Na última página, franziu a testa de novo. Era ali que eles normalmente inseriam a etiqueta de preço, do tamanho de um cartão de visita com o nome da loja, mas o cartão estava faltando. Ele estranhou que Iversen tivesse investido numa obra tão cara sem consultá-lo, e mais ainda: que tivesse deixado o exemplar à venda sem preço marcado parecia contrário à personalidade cuidadosa do homem.

Mais uma vez, Luca perscrutou o local, como se esperasse o aparecimento súbito de um comitê de boas-vindas que desvendaria o mistério, mas apenas algumas poucas pessoas sabiam de sua viagem e retorno, e elas estavam cientes de que não seria uma ocasião muito apropriada para uma festa.

Ele encolheu os ombros, abriu o livro no meio e começou a ler em voz alta. A hesitação desapareceu rapidamente de seu semblante, sendo substituída pelo prazer de ler na língua materna. Logo levantou a voz e soltou as palavras pelos corredores do sebo. Fazia algum tempo que não lia em italiano, portanto demorou algumas páginas para encontrar a fluência da articulação e o ritmo do poema. Sem dúvida, sentia um grande prazer, os olhos brilhavam de felicidade, e a expressão animada contrastava com a melancolia do texto.

Durou apenas um momento. De repente, a expressão de entusiasmo transformou-se em surpresa, e Luca cambaleou, dando dois passos para trás e batendo com estrondo no armário envidraçado. Ainda com os olhos no livro, continuou lendo, enquanto os estilhaços de vidro caíam sobre ele. Nas pupilas arregaladas, a surpresa transformou-se em pavor, e os nós dos dedos ficaram brancos de tanto segurar o tomo nas mãos em desespero. O corpo tombou para o corrimão com movimentos cambaleantes, quase mecânicos, e quando ele se encostou ao corrimão, o tremor desequilibrou o copo de conhaque arremessando-o ao chão do andar inferior. O tapete amorteceu o som de vidro sendo quebrado.

A força da voz de Luca persistiu, mas o ritmo havia se tornado desigual e intermitente. O suor transudava da testa do homem idoso, e o rosto enrubescera com o esforço. Algumas gotas de suor escorriam pela testa, passando pela giba até a ponta do nariz, de onde pingavam dentro do livro.



O papel grosso absorveu as gotas de suor, como se fossem chuva num leito de rio seco.

Os olhos de Luca estavam esbugalhados, fixando-se no texto sem piscar uma única vez, nem mesmo quando as gotas de suor entravam nos olhos. Implacavelmente, as pupilas seguiam as linhas das páginas, e, embora tentasse, Luca não conseguiu desviar a cabeça do livro em suas mãos. O corpo todo começou a tremer violentamente, e uma expressão de dor desfigurou o rosto numa careta medonha, fazendo o homem de aparência gentil parecer um louco ou um epilético em crise convulsiva.

Apesar das influências físicas, a voz de Luca ainda se difundiu no local, gaguejante e, às vezes, entrecortada por pausas seguidas de torrentes de palavras. A leitura não tinha mais cadência, as frases eram interrompidas e justapostas sem levar em consideração as regras gramaticais, e, ao passo que a velocidade aumentou, a acentuação silábica tornou-se cada vez mais arbitrária. Embora as respectivas palavras pudessem ser reconhecidas como palavras, a articulação e a composição não eram mais inteligíveis, e as frases emitidas pelas cordas vocais de Luca estavam desprovidas de conteúdo significativo. Seguindo um ritmo acelerado, a torrente de palavras era apenas interrompida por aspirações de pânico quando os pulmões estavam esvaziados de ar. Depois das respirações, que adquiriram um som cada vez mais chiado, as palavras e frases irrompiam outra vez da boca de Luca como um jorro de água temporariamente represada.

O corpo tremia tanto que o corrimão, contra o qual Luca estava espremido, vibrava, e o madeiramento rangia forte. O suor borbulhava de seu corpo, embebendo várias partes da roupa, e, no tapete a seu redor, as gotas de suor criavam manchas escuras.

De repente, o fluxo de palavras estancou, e os tremores cessaram. Os olhos de Luca permaneceram fixos no livro em suas mãos, mas a expressão de pânico tinha desaparecido. Uma brandura penetrou o olhar do italiano, e uma calma espalhou-se por seu rosto. Devagar, o corpo idoso inclinou-se sobre o corrimão, o livro desprendeuse das mãos suadas e caiu no chão com páginas tremulantes. O corrimão rangeu de modo alarmante sob o peso do corpo, e, com um estalo, uma faixa da balaustrada arrebentou e lançou lascas de madeira pelo local. Por um instante, o corpo de Luca permaneceu imóvel na beira do patamar, antes de tombar inânime para a frente e precipitar-se ao chão no andar de baixo. Os membros inertes esvoaçam

ram incontrolavelmente para os lados levando consigo prateleiras e livros numa nuvem de poeira.

Com um forte baque, o corpo de Luca atingiu o chão numa estreita passagem entre as estantes, sendo imediatamente enterrado sob uma pilha de livros, madeira e pó.

## 2

Toda vez que Jon Campelli precisava aparecer no tribunal, seu sono era inquieto, a não ser que passasse a noite em claro. Era também o caso essa noite, e, no final, ele desistiu, levantou-se da cama e vestiu um roupão azul-escuro. Caminhou vagarosamente até a cozinha, onde fez um bule de café na cafeteira francesa, para bebericar enquanto relia o manuscrito de suas alegações finais. Embora tivesse revisado as páginas diversas vezes na noite anterior, releu-as atentamente mais uma vez, ensaiando em voz alta várias versões das mesmas frases. Portanto, às 4 horas da manhã, podia-se escutar uma voz clara da cobertura situada na Kompagnistræde repetindo as mesmas passagens, como se fosse um ator ensaiando seu papel.

Depois de duas horas, Jon buscou o jornal que estava do lado de fora da porta de entrada e folheou-o enquanto tomava o desjejum, acompanhado de um bule de café fresco. O tempo todo, o manuscrito permanecia dentro de seu campo de visão, e diversas vezes ele interrompia a leitura do jornal para pegar o manuscrito e ler um trecho específico, antes de voltar às notícias do dia e ao seu pão.

Nenhum de seus colegas fazia ideia de como ele se esforçava para preparar as alegações finais, mas apesar de sua relativa juventude já era conhecido pela mestria da arte. Com apenas 33 anos, sua fama como advogado de defesa já o transformara em certa atração para os colegas, num desafio para os adversários e em objeto de desconfiança infundada entre os juízes mais velhos.

Por isso, suas audiências no foro geralmente eram concorridas, e, com grande probabilidade, vários espectadores apareceriam na sala de audiências nesse dia também, mesmo que o resultado parecesse óbvio. O cliente de Jon, um imigrante de segunda geração chamado Muhammed Azlan, fora

acusado de receptação, e, assim como três acusações anteriores contra ele, também essa era infundada. Até parecia perseguição por parte da polícia, mas Muhammed reagiu com uma calma surpreendente, contentando-se em revidar por intermédio do sistema judiciário, ou seja, movendo ações de indenização por dano moral.

Jon esvaziou a xícara de café e foi até o banheiro, onde abriu a torneira do chuveiro. Deixou o roupão cair no chão e, enquanto esperava a água aquecer, observava seu corpo no espelho. Com o polegar e o indicador apertou os pneus logo acima do quadril fixando os olhos neles, como se fossem bexigas que tivessem se inchado durante a noite. Cinco anos antes, seu abdômen tinha sido um tanquinho, mas quase imperceptivelmente, e não importando o que fazia para evitá-lo, os músculos definidos haviam sido apagados, como se fossem invadidos por uma maré crescente.

No meio do banho, o telefone tocou, mas Jon enxaguou o xampu com calma e terminou seu ritual matutino antes de checar a ligação. Era de Muhammed. Na mensagem, o cliente explicou, em seu costumeiro tom descontraído, que vendera seu “carrinho” e, portanto, precisaria de uma carona até o foro. O número estava ocupado quando Jon retornou a ligação, por isso ele se limitou a gravar uma mensagem dizendo que estava a caminho.

Lá fora chovia. Apressado, Jon foi até o carro, uma Mercedes SL cinza metálico, e jogou sua pasta no banco do passageiro antes de entrar correndo para evitar a chuva. Através dos vidros molhados o mundo do lado de fora parecia dissolver-se. Vultos de roupas de chuva coloridas convergiam, lembrando criaturas imaginárias num desenho de criança. O limpador de para-brisa começou a funcionar assim que ele ligou o carro, e, juntamente com a água, as criaturas imaginárias desapareceram, dando lugar a dinamiqueses carrancudos que enfrentavam a chuva ou se aglomeravam debaixo dos toldos.

Mesmo levando em conta as condições meteorológicas, o trânsito em direção a Nørrebro estava muito lento, e Jon consultou seu relógio diversas vezes. Chegar atrasado a uma audiência jamais seria um bom ponto de partida, por isso Jon fazia questão de sempre ser pontual. Finalmente, conseguiu sair da avenida Å, descer a rua de Griffenfeld e continuar até a rua Sten, onde morava Muhammed. A construção era de concreto revestido de tijolos vermelhos, e cada apartamento dispunha de um jardim ou uma

varanda. Entre os edifícios havia uma espaçosa área verde, completa com gramados pisoteados, brinquedos gastos pelo tempo e bancos desbotados pelo sol.

O apartamento térreo assegurou a Muhammed 6 metros quadrados de jardim rodeado por uma cerca trançada verde-alga de 1,5 metro de altura que aparentemente já tinha sido branca. Muhammed pedia às visitas que usassem a porta voltada para o Parque, que era como gostava de chamar o jardim, portanto Jon atravessou a área verde, passando pelo portão rangente do jardim. A grama do Parque estava repleta de velhas caixas de papelão, embalagens de leite e paletes, os quais já haviam cumprido seu propósito e apenas aguardavam uma ordem do síndico para que Muhammed os removesse. Um alpendre ao longo de toda a extensão do apartamento fornecia abrigo da chuva e ainda fazia as vezes de depósito para diversas caixas, barris e um palete com biscoitos caninos em sacos de 20 quilos.

Jon bateu na janela da sala e não precisou esperar muito tempo para que Muhammed aparecesse atrás do vidro vestindo cuecas, camiseta e, mais importante, o fone de ouvido de seu celular. Como uma típica atitude de Muhammed, letras garrafais formando a palavra Brimo adornavam a frente da camiseta. Ele adorava usar os preconceitos mais comuns em suas pequenas provocações, uma espécie de hobby que consistia em dar alfinetadas direcionadas às camadas mais sensacionalistas e populistas da sociedade dinamarquesa, a seu ver, personificadas pelo jornal *Extrabladet*. Ao contrário de alguns imigrantes, Muhammed não fazia isso por amargura ou raiva, senão por pura zombaria e autoironia.

A porta da sala foi aberta e, sorridente, Muhammed convidou Jon a entrar, enquanto continuava a conversa no fone de ouvido. Pelo que Jon conseguia escutar, o idioma era turco. O ambiente onde acabara de entrar servia a três funções: sala de estar, escritório e depósito. Às vezes parecia que o local também era usado como sauna. Estava sempre muito quente, provavelmente para que Muhammed pudesse vestir calção e camiseta o ano inteiro.

Muhammed era “internauta profissional”. Ele mesmo usava esse título, sem dúvida dando um tom mais interessante à sua ocupação do que a prática comprovaria. Com a disseminação da internet, muitas empresas descobriram que um ótimo método para atrair os usuários a seus sites era promover um concurso ou uma loteria em que os participantes pudessem

ganhar produtos, dinheiro, viagens etc. As versões eletrônicas de rifas e jogos de cassino também se tornaram chamarizes eficientes, e, já que a maioria desses jogos não se restringe pela localização geográfica dos participantes, as possibilidades são inúmeras, e novos sorteios surgem a cada segundo.

Muhammed vivia, muitas vezes literalmente, de participar no maior número de sorteios e jogos a que conseguisse ter acesso, sem se preocupar com o tipo de prêmio. Os prêmios que ele próprio não usava eram vendidos, por isso sua casa parecia um armazém, com caixas de papelão por todo lado. Havia produtos de limpeza, cereais matinais, batatas fritas, brinquedos, guloseimas, vinhos, refrigerantes, cafés, artigos de higiene pessoal e alguns objetos maiores como um freezer horizontal da marca Atlas, um fogão elétrico da Zanussi, uma bicicleta ergométrica, um aparelho de remo e duas churrasqueiras redondas da Weber. Para quem não o conhecesse, o apartamento poderia parecer um depósito bem sortido de recepção, o que de fato tinha motivado várias acusações de que seu apartamento era exatamente isso.

— E aí, chefe? — exclamou Muhammed, estendendo a mão a Jon. Aparentemente, a conversa telefônica já terminara, algo que nunca se sabia ao certo porque raras vezes tirava o fone de ouvido.

Jon apertou sua mão.

— *Eu* estou pronto — disse Jon, fazendo um gesto para o corpo semivestido de Muhammed. — E você?

— Ei, só vou ficar sentado com uma cara de inocente — falou Muhammed, posicionando as mãos de maneira defensiva à sua frente.

— Bem, então sugiro que troque de camiseta — sugeriu Jon secamente. Muhammed concordou.

— Já estou me trocando. Fique à vontade, vou demorar só um segundo.

O cliente de Jon saiu da sala, e o advogado procurou um lugar onde pudesse sentar-se. Tirou uma caixa de enlatados de um sofá de couro marrom e acomodou-se com a pasta no colo. Numa extremidade do ambiente havia uma mesa de jantar que funcionava como o escritório de Muhammed. Sobre a mesa, três monitores de tela plana formavam fila como se fossem lápides. Atrás da mesa havia uma cadeira de escritório do tamanho de uma cadeira odontológica, a julgar pelo número de manivelas, com o mesmo número de opções de ajuste.

— E a ação de indenização? — gritou Muhammed do quarto.

— Não podemos processá-los antes de ganhar — revidou Jon.

Muhammed apareceu na porta, transformado por um terno preto com camisa branca e sapatos lustrados. Estava tentando dar o nó em uma gravata cinza, atrapalhado pela falta de hábito.

— Mas dessa vez pode dar uma boa quantias em dinheiro — continuou Jon e apontou para o rosto de Muhammed.

Muhammed desistiu de pôr a gravata e jogou-a no chão.

— Pois é, dessa vez vão liberar poucos euros — disse, esfregando uma das sobrancelhas. — O que ganha um saco de boxe por hora?

Jon levantou os ombros como resposta.

Na última visita, a polícia aparecera em peso, contando seis homens e forçando a entrada no apartamento pela porta principal, sem saber que o local estava lotado de caixas de tomates enlatados, fraldas Pampers, eletrodomésticos e vinhos. Evidentemente, não estavam cientes de que as visitas, por esse mesmo motivo, sempre entravam pela porta do jardim, portanto interpretavam o amontoado como uma tentativa de barricar a porta, e a posterior detenção tornou-se significativamente mais violenta do que seria. Muhammed ficou com duas costelas quebradas e uma sobrancelha ferida ao ser jogado no chão. A situação não melhorou quando oito amigos seus apareceram, de acordo com a polícia, se comportando de forma tão ameaçadora que foi necessário chamar reforços.

No dia seguinte, um jornal matutino retratou a ação como “um bem-sucedido desmantelamento de uma quadrilha turca de receptação”. Embora o veredicto proferido mais tarde naquele dia mostrasse uma outra verdade, nenhum deles esperava um pedido de desculpas nem sequer uma menção no mesmo jornal.

Muhammed ajustou a gola da camisa e gesticulou.

— OK?

— Bonito — comentou Jon e levantou. — Vamos embora?

— Espere aí — exclamou Muhammed. — Não posso deixar você sair sem te fazer uma oferta de amigo. — Ele foi até uma pilha de caixas e abriu a que estava em cima. — Que tal alguns livros maravilhosos? — perguntou, tirando alguns e mostrando-os a Jon. — Vendo-lhes por um bom preço.

A julgar pelas capas, tratava-se de romances médicos de quinta categoria, ao que Jon sorriu deprecativo balançando a cabeça.

— Não, obrigado. Não costumo ler muito. — Bateu o indicador contra a têmpera. — Tomei uma overdose quando criança.

— Hum — grunhiu Muhammed desapontado e jogou os livros para dentro da caixa de novo. — Ainda tenho alguns de suspense e dramas de tribunal, pelo que me lembro. Que tal? — Ele lançou um olhar para Jon, mas o advogado não mudou de opinião.

— E Tampax, então? — perguntou Muhammed entusiasmado. — Para a sua namorada, claro. — Ele caiu na gargalhada. — Ganhei um ano de Tampax de uma revista feminina. O primeiro prêmio era uma viagem a Tenerife. — Levantou os ombros. — Não se pode ter sorte sempre, mas o mais legal é que, quando vierem fazer a entrega hoje à tarde, vão tirar uma foto do vencedor para a próxima edição da revista. — Juntou as mãos atrás do pescoço e fez movimentos circulares com o abdômen. — Vou ser modelo. — Riu outra vez.

— Seu consumo anual deve ser restrito — disse Jon sorrindo. — Agradeço a oferta, mas no momento não tenho nenhuma namorada.

— Não entendo — exclamou Muhammed balançando a cabeça. — Com seu aspecto de amante latino não deveria ter problemas em arranjar namoradas.

Jon encolheu os ombros. Não tinha a tez tão escura como Muhammed, mas seu tom de pele o distinguia da maioria dos dinamarqueses, e ainda tinha cabelos bem pretos. Sendo italiano apenas em parte, era uma pouco mais alto, 1,80 metro, e mais claro do que se poderia esperar, e talvez por isso nunca tivesse sofrido qualquer tipo de preconceito, muito menos do sexo oposto.

Muhammed estalou os dedos e correu para trás dos monitores, agarrando o mouse do computador com uma das mãos e apertando algumas teclas com a outra.

— Mas posso encontrar uma mulher também, chefe. Há um concurso aqui promovido por uma boate de Copenhague onde é possível ganhar uma noite com... como era o nome dela mesmo...

— Pare, pare — exclamou Jon. — Não estou tão desesperado.

Muhammed levantou os ombros e se deixou cair na cadeira, que imediatamente o abraçou.

— É só me avisar. Já arranjei o agente do site deles.



Muhammed era formado em informática, mas, assim como muitos outros imigrantes de segunda geração, não conseguiu emprego num setor que, na verdade, tinha grande necessidade de pessoal. Embora fosse um programador supercompetente, teve de ouvir que seu nome significava mais do que as qualificações e a melhor maneira de avançar seria trabalhando por conta própria. Tornar-se pizzaiolo seria estereotípico demais, até para Muhammed, por isso ele decidiu se tornar internauta profissional, o que lhe dava a liberdade necessária, além da possibilidade de usar habilidades para desenvolver agentes. Os agentes de Muhammed eram pequenos programas de computador que poderiam ser instruídos a preencher formulários de concursos e inscrições que ele achava na internet. Uma vez instruído, o agente repetia obedientemente o procedimento, emitindo grande quantidade de nomes e endereços do seu cadastro para aumentar suas chances de ganhar. O cadastro continha seus parentes, amigos, conhecidos, vizinhos e qualquer um que ele conseguisse convencer — entre eles, Jon. Dessa forma, Jon recebeu uma ligação da secretária de uma grande rede de lojas de brinquedo que, entusiasmada, lhe informou que ele acabara de ganhar um carrinho de bebê com rodas *off-road* e capota removível.

Como compensação para os que figuravam no seu cadastro, Muhammed oferecia algumas das mercadorias que ele próprio não tinha possibilidade de comercializar, ou um bom desconto nos produtos de seu estoque.

Muhammed soltou-se do aconchego da cadeira e fez um sinal em direção à porta.

— Bem, vamos pôr um ponto final nesse caso.

Os dois deixaram o apartamento e correram em meio à chuva até o carro de Jon.

— O que aconteceu com o seu Peugeot? — indagou Jon quando já estavam dentro da Mercedes, a caminho do foro.

— Finalmente consegui me livrar daquela lata-velha. Infelizmente tive que baixar o preço para 100 mil, mesmo que o valor real tenha sido 200 mil.

— Muhammed fez um gesto de resignação. — Não há muitas pessoas com coragem de comprar carro de um negro.

— Mas ainda está ganhando um salário razoável por hora?

— Não está ruim. Em compensação, tive que jogar fora dois paletes de sucrilhos que passaram da data. Mas no geral as coisas estão indo bem.

— E o que você come, então? — perguntou Jon com um sorriso.

— Tenho comida de sobra. Duas semanas atrás ganhei cinquenta refeições prontas da Tulip, então acabou o negócio de comer cereal matinal durante o jantar.

Conforme o esperado, a sala de audiências estava bastante cheia. Parte dos amigos de Muhammed estava presente, mas havia também diversos colegas e conhecidos de Jon da Faculdade de Direito. Nessa fase do processo, todos esperavam os procedimentos finais, o que influenciava os últimos interrogatórios. Foram feitos de modo rotineiro e sem grande entusiasmo por qualquer das partes. Até os juízes pareciam girar os polegares mentalmente. A decisão seria tomada por um grupo de cinco juízes, um método muito pouco apreciado por Jon. Sua performance era melhor perante um júri completo, que não tivesse preconceitos formados com base em causas anteriores ou em relação ao próprio Jon.

O promotor público, um homem magro, calvo e com voz arrastada, proferiu um discurso relativamente sóbrio, mas, a essa altura, ninguém estava em dúvida sobre o desfecho do caso. Simplesmente, havia falta de provas conclusivas, e as especulações e conjeturas sobre a receptação de Muhammed eram, quando muito, duvidosas.

A sala ficou em silêncio absoluto quando Jon foi convidado a dar início aos trabalhos. Devagar, ele levantou do seu lugar e apresentou-se aos juízes. Muitos de seus colegas improvisavam as alegações finais, mas Jon não era adepto dessa técnica. Sua exposição estava escrita, palavra por palavra, nos papéis que segurava na mão, e muito raramente ele desviava de seu manuscrito.

Jon começou a leitura, mas para os presentes não parecia uma leitura em voz alta de um texto escrito, e muitos nem percebiam que ele consultava o texto o tempo todo. A ilusão era uma combinação de diversas técnicas desenvolvidas por ele ao longo do tempo. Por exemplo, o texto havia sido dividido para permitir que ele usasse as pausas naturais para virar as páginas, e os parágrafos eram estruturados de modo que ele rapidamente pudesse reencontrar a passagem do texto após ter desviado o olhar. Também tinha encontrado métodos de olhar imperceptivelmente para os papéis, com olhadelas discretas ou usando gestos para disfarçar, como se fosse um mágico.

A preparação meticulosa e as consultas constantes ao texto serviam o propósito de ajudar Jon a se concentrar na própria interpretação durante a leitura. Embora o conteúdo estivesse preestabelecido, ele sempre podia acentuar o texto de acordo com o público, destacar alguns parágrafos e atenuar outros, colorir seus pontos de vista com força maior ou menor. A única vez em que havia tentado explicar sua técnica a um colega, fizera uma comparação com o trabalho de um maestro. No seu caso, o instrumento era apenas ele mesmo, mas ele podia aumentar ou diminuir os efeitos de acordo com a necessidade e a situação, exatamente como um regente pode mudar a experiência de uma peça musical. O colega havia olhado para ele como se estivesse louco, e, depois disso, Jon nunca tentou explicar ou propagar sua técnica, embora ela jamais tivesse falhado.

Tampouco deixou de fazer efeito dessa vez. Em pouco tempo, ele atraíra a atenção de todos, e o clima poderia ser observado nos rostos contentes dos amigos de Muhammed e nos pequenos gestos de aprovação dos colegas de Jon. Mesmo estando de costas, Jon percebia seu suporte, como se fosse um jogo em casa. Os juízes inclinavam-se para a frente nas cadeiras, a atitude desinteressada desaparecera, e os olhos seguiam atentamente a atuação de Jon. Em contrapartida, o promotor se encolhia cada vez mais em sua cadeira, mexendo inseguro nos papéis sobre a mesa. A derrota transparecia em sua fisionomia. Jon se atreveu a dar um tom fortemente irônico à versão da polícia sobre o caso, suscitando certo divertimento na plateia.

De repente estava no final. Jon leu a última frase de seus papéis e permaneceu um momento em silêncio antes de dobrá-los e voltar a seu lugar acompanhado de aplausos espontâneos da plateia e a chamada de ordem dos juízes.

Seu cliente bateu-lhe no ombro.

— Um verdadeiro Perry Mason — cochichou Muhammed com um sorriso. Jon piscou em resposta, mas manteve um ar neutro.

Os juízes se retiraram para votar enquanto os outros foram levantando, lenta e relutantemente, como uma turma de alunos após uma excursão. O promotor aproximou-se hesitante de seu concorrente e deu a mão a Jon com um aceno de aprovação. Enquanto Muhammed se juntou a seus amigos, que o receberam ruidosamente, Jon reuniu, em duas pilhas arrumadas, os seus papéis espalhados.

— Parabéns, Campelli — soou uma voz rouca atrás dele, e ele sentiu um tapa no ombro. Virou-se e encarou um dos sócios de seu escritório de advocacia, Frank Halbech.

Assim como Jon, ele usava terno preto, pelo visto um Valentino, mas as unhas manicuradas revelavam que esse homem não estava onerado com trabalho e devia ter empregados para executar as tarefas. Tornara-se sócio da empresa cinco anos antes, aos 45 anos, e, a julgar pela aparência, agora passava seu tempo entre cabeleireiros, solários e academias.

— Um caso óbvio, mas bom procedimento — disse Halbech estendendo-lhe a mão. Jon o cumprimentou. Halbech inclinou-se em direção a Jon sem soltar a mão. — Steiner está perdendo o toque — segredou e movimentou a cabeça em direção ao promotor de justiça.

Jon assentiu.

— O caso nunca deveria ter sido levado ao tribunal — respondeu em voz baixa.

Halbech endireitou-se, soltou a mão de Jon e deu um passo para trás, como se quisesse inspecioná-lo. Os olhos azuis acinzentados examinavam Jon enquanto um sorriso se formava nos lábios.

— Que tal um desafio, Campelli? Um caso que te fará suar?

— Aceito, claro — respondeu Jon sem hesitação.

Halbech fez um gesto de contentamento.

— Era isso que eu esperava. Você parece ser um homem com coragem de enfrentar um desafio, alguém que saberá agir na hora H. — Ele apontou para Jon com os dedos simulando um tiro. — O caso Remer. É seu. — Abriu um grande sorriso. — Passe no meu escritório amanhã para conversarmos mais a respeito disso.

Antes de Jon ter tempo de reagir, Halbech já dera meia-volta e, com passos decididos, estava indo em direção à saída. Perplexo, Jon o seguiu com os olhos, até que um homem baixinho e gorducho de terno cinza-claro aproximou-se de Jon e bloqueou a vista.

— Uau, era Halbech, né? — perguntou o homem e inclinava a cabeça alternadamente para Jon e para Halbech, que estava desaparecendo. O homem baixinho era colega de Jon, Anders Hellstrøm, especialista em processos de trânsito e com predileção por pubs irlandeses e cervejas Guinness.

— Era ele em pessoa — respondeu Jon distraído.

— Incrível. Não me lembro da última vez que o vi numa sala de audiências — disse Hellstrøm impressionado. — O que ele queria?

— Na verdade, não tenho certeza — respondeu Jon, pensativo. — Mas agora estou com Remer.

Hellstrøm o olhou incrédulo.

— Remer? — Ele assobiou baixo e lançou um olhar de compaixão a Jon. — Ou ele quer te cobrir de ouro, ou está querendo te matar.

— Obrigado pelo apoio — disse Jon secamente, e deu um sorriso forçado.

— Quero ver quando os outros ficarem sabendo — disse Hellstrøm esfregando as mãos e olhando curioso a sua volta. — Mas foi um baita desempenho, Jon — acrescentou antes de virar-se e ir até o canto mais distante da sala, onde um grupo de colegas estava reunido.

Jon precisava tomar ar fresco. Tinha a sensação de que todos os olhares estavam voltados para ele, mesmo que sua performance já tivesse acabado, então abriu caminho até a saída acompanhado de felicitações e tapas nas costas. Logo depois estava na escada do lado de fora do tribunal. Tinha parado de chover, e as frestas nas nuvens cinzentas revelaram pequenos pedaços de céu azul. Ele pôs as mãos nos bolsos e inspirou profundamente.

O caso Remer era um caso de rapinagem de ativos de dimensões monstruosas. Otto Remer, o personagem principal, era acusado de ter despojado nada menos que 150 empresas no decorrer dos anos. Não havia dúvida de que seus atos eram moralmente questionáveis, mas havia incerteza sobre sua ilegalidade. O processo tramitava há três anos, e os funcionários já brincavam dizendo que o volume e a complexidade dos dados o haviam transformado em um ser vivo com existência própria.

Os autos ocupavam um arquivo separado, e os sucessivos advogados do caso tinham recebido um cubículo especial, onde podiam trabalhar sem serem incomodados. Era um caso de tudo ou nada, e até então os advogados que mediram forças com o processo haviam sido vencidos. Em contrapartida, um desfecho feliz no tribunal certamente resultaria em uma oferta para se tornar sócio do escritório. Pelo menos, era esse o boato que corria entre os advogados.

A quantidade de documentos e a complexidade do caso Remer não constituíam os únicos desafios. O próprio homem, Otto Remer, tinha fama

de ser um osso duro de roer. Vários colegas desistiram de cooperar com ele, já que não ligava para advogados nem se preocupava em entregar a documentação de suas transações. Ele não demonstrava percepção alguma da gravidade do caso e não abria mão de viajar para esquiar ou fazer negócios em fases críticas do processo.

O ar ainda estava úmido e frio depois da chuva, e Jon se encolheu dentro do paletó fino. Dois homens em mangas de camisa deixaram o prédio para fumar. Acenderam os cigarros, inalando a fumaça com avidez, enquanto se movimentavam para manter o calor.

Um celular tocou, e Jon automaticamente procurou seu aparelho no bolso interno. Não era o celular dele, mas ele constatou que recebera três ligações do mesmo número durante a manhã. Sem olhar para as teclas, apertou rotineiramente a senha que lhe dava acesso à sua caixa de mensagens.

Escutou, com crescente surpresa, a mensagem que havia sido gravada. Era de um investigador da polícia chamado Olsen que, em tom prático, dizia estar ligando a respeito do pai de Jon, Luca Campelli. Jon franziu as sobrancelhas. Bem que estava acostumado a ser contatado pela polícia, mas não conseguia adivinhar qual seria a conexão com seu pai.

Antes de ter tempo de retornar a ligação, um oficial de justiça apareceu na porta convocando-o. Os juízes haviam terminado a votação.

Perante um auditório que a essa altura estava apenas parcialmente cheio, os juízes declararam o que todos já sabiam: não havia qualquer fundamento para a ação movida contra Muhammed e, portanto, todas as acusações haviam sido retiradas. Os amigos de Muhammed que ainda estavam presentes davam vivas e ele estendeu a mão a Jon, cumprimentando-o com vigor.

— É isso aí, Lawman — disse contente.

Jon sorriu em resposta e fez um gesto com a cabeça em direção à plateia eufórica.

— Você quer uma carona de volta ou vai comemorar com o fã-clube?

— Já que você vai dirigir de qualquer jeito, gostaria de ir junto — disse o cliente. — Alguém tem que trabalhar.

Jon começou a guardar seus papéis. Vários colegas e conhecidos se aproximaram para lhe dar os parabéns pelo resultado, e Jon precisou rejeitar diversas ofertas de almoço. Normalmente, era ele quem convidava para jantar após uma vitória, mas não sentia aquele excesso de energia que sempre

acompanhava o êxito. O episódio com o sócio da empresa havia sido um pouco estranho demais para que pudesse se concentrar em comemorações.

Talvez Muhammed tenha percebido o clima no carro.

— Ei, a gente deu um baile neles! — falou, dando um empurrão de caçoada no ombro de Jon.

— Pois é, desculpa — disse Jon, sorrindo. — Acho que estou um pouco cansado.

Muhammed se contentou com a explicação de Jon e começou a falar da ação de indenização, quanto deveriam exigir para cobrir os danos na porta do apartamento, sobre a compensação por sua sobrançelha rachada e se poderiam exigir indenização por sua difamação no bairro.

Jon respondia com frases curtas enquanto dirigia em direção a Nørrebro. Estavam quase chegando quando o celular tocou e Jon colocou o viva-voz para atender a ligação. Do outro lado da linha, o inspetor Olsen apresentou-se e explicou o motivo da ligação. Jon escutou a voz monótona do homem e respondeu com monossílabos, mais para indicar que continuava na linha.

Ao final da conversa, tirou os fones de ouvido e um suspiro lhe escapou dos lábios.

— Outro fã? — indagou Muhammed, lançando um olhar ao motorista. Jon fez que não.

— Não foi bem isso. Meu pai faleceu.

### 3

Luca seria enterrado no Cemitério de Assistens, em meio aos grandes escritores dinamarqueses, da mesma forma como vivera entre suas obras.

Jon chegou em cima da hora e foi recebido por Iversen, nitidamente nervoso, que o estava aguardando no pátio, na frente da capela. Jon imediatamente o reconheceu como o fiel ajudante de seu pai na Libri di Luca. Alguns dias antes tinham se falado por telefone. Foi Iversen que achou Luca naquela manhã, morto por uma parada cardíaca, e também foi ele quem cuidou de todos os detalhes do enterro. Sempre tinha arregaçado as mangas, executando todas as tarefas com grande presteza.

Na infância, Jon sabia que sempre podia convencer Iversen a ler histórias se Luca estava sem tempo ou tinha saído da loja. Durante os últimos 15 anos, o cabelo de Iversen tornara-se mais branco, as faces, mais cheias, e as lentes de seus óculos, mais grossas, mas era o mesmo sorriso caloroso que acolhia Jon no momento em que ele, com passos largos e a pasta debaixo do braço, foi até o homem que o aguardava.

— Que bom que você veio, Jon — disse Iversen, dando-lhe um aperto de mão afetuoso.

— Tudo bem, Iversen? Faz muito tempo que a gente não se vê — respondeu Jon.

— Pois é, você já cresceu muito, rapaz — disse Iversen com uma risada. — A última vez que eu o vi, você não media mais que uma enciclopédia de quatro tomos. — Ele soltou a mão de Jon e pôs o punho sobre seu ombro como se fosse mostrar o quanto havia crescido. — Mas agora já vai começar — disse com um sorriso de quem pede desculpa. — Depois, precisamos conversar. — Seu olhar se tornou sério. — É importante que tenhamos uma conversa.



— Claro — disse Jon, e se deixou levar para dentro da capela.

Para sua surpresa, o local estava quase cheio. Nos bancos havia pessoas de todas as idades, desde bebês choramingueiros com suas mães até velhos encarquilhados que davam a impressão de que a cerimônia poderia ser para eles. Pelo que Jon sabia, o único contato de Luca com o mundo fora da loja era uma associação italiana, mas os presentes constituíram uma diversificada mistura de pessoas que à primeira vista não pareciam ter ascendência italiana.

Todos os olhares e um murmúrio crescente acompanharam os passos dos dois homens pela nave central até dois assentos vagos na primeira fileira. No chão em frente ao altar havia um caixão branco de laca, cercado de coroas funerárias e ramalhetes de flores que se espalhavam pelas laterais como um rio de cores. As flores compradas pela secretária de Jon, a pedido dele, estavam na tampa do caixão. Na faixa lia-se apenas “Jon”.

Quando os dois já estavam sentados, Jon inclinou-se para Iversen.

— Quem são todas aquelas pessoas?

Iversen hesitou por um momento antes de responder:

— Amigos da Libri di Luca.

Jon arregalou os olhos.

— Deve ser um bom negócio — constatou em voz baixa ao examinar o local. Avaliou que mais ou menos cem pessoas estavam presentes.

De sua infância, Jon lembrava bem a clientela fixa que frequentava a loja, mas que fossem tantos e que se sentissem obrigados a comparecer ao enterro o pegou de surpresa. Na sua memória, os fregueses figuravam, sobretudo, como indivíduos esquisitos e excêntricos maltrapilhos que gastavam seu dinheiro em livros e catálogos em vez de comida e roupa. Circulavam por horas sem comprar nada, e muitas vezes voltavam no dia seguinte ou alguns dias depois para examinar as mesmas estantes e prateleiras, como se verificassem se os frutos estavam maduros e podiam ser colhidos.

Um clérigo entrou na capela e flutuou em suas vestes bordadas até o púlpito do outro lado do caixão. Os sussurros extinguiram-se, e a cerimônia começou. O padre balançou o defumador em direção aos presentes, e um cheiro discreto de incenso espalhou-se pelo ambiente. Em seguida, a voz calma do padre encheu o local, com palavras sobre a necessidade de refúgios, espaços para respirar, a sensação de comunhão e como proporcio-

nar experiências agradáveis aos outros, incluindo os valores fundamentais da vida, como a arte e a literatura.

— Luca era o avalista desses valores — entou o sacerdote. — Um homem que compartilhava generosamente o calor humano, a sabedoria e a hospitalidade.

Jon olhava para o nada. Atrás de si podia sentir os acenos dos outros, soluços quase imperceptíveis, e lágrimas que queriam sair, mas seus próprios olhos estavam secos. Recordava outro enterro que havia sido diferente, um enterro durante o qual ele, aos 10 anos, teve de ser levado para fora da igreja onde uma tia distante tentou consolá-lo durante o congelante inverno. Tinha sido o enterro de sua mãe, que, de acordo com a opinião geral, morreu cedo demais, e ele só soube o motivo um ano mais tarde. Não o motivo existencial, mas a verdade nua e crua: Marianne, a mãe de Jon e a esposa dinamarquesa de Luca, cometera suicídio, atirando-se pela janela do quinto andar. Não sabia se fora o frio do lado de fora da igreja ou seu desespero que àquela altura cortou seu choro num gaguejo de partir o coração, mas a sensação de falta de ar ficou gravada na sua memória, e ele não tinha ido a outro enterro desde então.

A pedido do padre, os presentes cantaram uma seleção de hinos antes de a palavra ser passada a Iversen. O fiel assistente e amigo de Luca pegou uma pilha de livros embaixo de seu assento e levantou-se. Passou por cima das coroas funerárias no chão e dirigiu-se ao púlpito. Chegando atrás da tribuna, soltou a pilha de livros a alguns centímetros do tampo de modo que caiu com um barulho audível, o que causou alguns risos e trouxe um alívio bem-vindo após os hinos empolados. O discurso de Iversen, recheado de anedotas de sua amizade e recitações de passagens das obras que trouxera, foi uma despedida alegre do homem com quem convivera durante os últimos quarenta anos. Assim como leu histórias para Jon quando este era pequeno, Iversen cativou o público com uma leitura comovente da *Divina comédia*, uma das favoritas de Luca, e continuou com trechos dos grandes clássicos, que toda a plateia parecia saber de cor. Embora Jon não tivesse lido as obras, a interpretação de Iversen atraiu-o e imagens evocativas surgiram na sua tela interior, fazendo-o lembrar a época em que sentava no colo de Iversen, na poltrona de couro da Libri di Luca, e escutava histórias de caubóis, cavaleiros e astronautas. Fechando os olhos ele quase podia sentir o cheiro de pó do sebo e ouvir

o silêncio que entre as estantes da loja tinha um som que não existia em nenhum outro lugar.

Depois do discurso de Iversen, soaram alguns aplausos que cessaram assim que os presentes se deram conta do lugar onde se encontravam. O padre ocupou novamente o púlpito insistindo em entoar um último hino antes do fechamento. Jon seguiu as letras do hinário, mas não participou do canto, ao contrário de Iversen, que grunhiu à vontade do seu lado. Por um momento Jon se perguntou se deveria estar com má consciência pela falta de participação, mas livrava-se deste pensamento ao dirigir o olhar para o teto. Sem dúvida, alguns dos presentes se questionavam, talvez até o achessem arrogante, mas era problema deles. Não sabiam de nada. Para ele, o importante era conseguir aguentar até o final e sair para tomar um ar fresco.

Ao final do hino, Jon foi um dos primeiros a se levantar.

Do lado de fora, os presentes dividiram-se em grupos, e Jon permaneceu perto de Iversen, o único conhecido. Logo foram acompanhados por vários outros que elogiaram Iversen pelo discurso e ofereceram suas condolências a Jon. Aparentemente, todos sabiam quem ele era, mas ao mesmo tempo pôde perceber certo espanto nas pessoas com quem trocou cumprimentos, como se não tivessem esperado sua presença.

— Você é idêntico a ele — disse, sem rodeios, um homem de meia-idade sentado numa cadeira de rodas. Ele se apresentou como William Kortmann, e Jon notou que a cadeira de rodas era completamente preta, até nos raios das rodas. — Curioso que não tenha contado nada — continuou Kortmann, mas calou-se de repente ao perceber a expressão de surpresa de Jon. — Bem, temos de ir — disse, dirigindo-se a um homem de roupas escuras que estava sozinho a alguns metros de distância. Como por telepatia, o homem virou-se naquele mesmo momento e foi andando na direção deles.

— Mas vamos nos ver de novo — disse o homem na cadeira de rodas. — Alegro-me com a perspectiva de trabalhar com um Campelli novamente.

Antes de Jon poder responder, a cadeira de Kortmann tinha sido virada, e ele estava sendo levado embora da capela por seu acompanhante.

— O que foi isso?

Iversen fez uma careta.

— Eh-eh, era alguém do Grupo de Leitura — disse hesitante.

— Mas o trabalho que ele mencionou? — insistiu Jon.

— Vem cá, vamos dar uma volta — sugeriu Iversen, apressado, levando Jon consigo.

Deixaram o pátio de cascalho e entraram no cemitério. O sol de outono pendia no horizonte lançando raios penetrantes por entre os galhos das árvores e formando desenhos sinuosos na alameda a sua frente. Andaram algum tempo calados. A parte mais antiga do cemitério estava em silêncio e os arbustos eram tão espessos que impediam a vista, embora as folhas tivessem começado a cair.

— Seu pai adorava caminhar aqui — disse Iversen, respirando fundo.

— É mesmo — respondeu Jon. — Certa vez o segui num dos passeios. Tinha uns 9 anos, pelo menos era antes... — Jon ficou quieto e agachou para pegar uma bolota do chão. Girou-a entre os dedos antes de continuar. — Fiz de conta que era um agente secreto, e fui no encaço dele para espionar. Imaginei que ele se encontrava com outros espões para fornecer informações. — Jon pigarreou e jogou a bolota no chão. — Talvez eu tenha ficado um pouco desapontado. Ele não fez nada além de caminhar entre os túmulos. De vez em quando ele parava, algumas vezes sentava e lia trechos de um livro que trouxera, como se estivesse lendo para os mortos.

— Tão típico dele — disse Iversen, dando umas risadinhas. — Sempre procurando um público.

— Não sei nada disso — respondeu Jon secamente.

Haviam atingido o muro que margeava a rua Nørrebro, onde a hera crescia à vontade cobrindo os túmulos ao longo do muro como uma neveda verde.

— Você sabe que vai herdar o sebo, não é? — perguntou Iversen, enquanto fixava o olhar na trilha à sua frente.

Jon parou e olhou para Iversen, que chegou a dar alguns passos antes de parar e virar-se.

— Não foi feito nenhum testamento, e como único parente você é herdeiro universal — disse Iversen firmando o olhar em Jon. Não havia sombra de amargura ou inveja nos olhos do velho, senão uma expressão de preocupação ou receio.

— Nunca pensei nisso — exclamou Jon. — Foi isso que aquele Kortmann quis dizer quando falou que iríamos nos ver de novo?

— Alguma coisa nesse sentido, sim — disse Iversen.

Jon desviou o olhar de Iversen e continuou andando.

— Eu tinha certeza de que Luca deixaria tudo para você — observou Jon admirado.

Iversen encolheu os ombros.

— Quem sabe, seu pai esperava que você fosse encontrar o caminho de volta — sugeriu.

— Que *eu* achasse o caminho de volta? — exclamou Jon. — Pelo que me lembro foi ele quem não quis saber de mim a última vez que o procurei.

— Acredito... não, tenho *certeza* de que teve uma boa razão.

Haviam chegado ao final do muro e saíram pelo portão que dava para a via chamada Jagtvej, onde viraram para a direita no sentido do cruzamento de Runddelen. O trânsito era um contraste bem-vindo depois do silêncio do cemitério.

— Não quero ter nada a ver com aquilo — disse Jon decidido quando viravam para descer a rua Nørrebro de volta à capela. — Não haverá nenhum problema, tenho bons contatos com advogados que podem resolver esse tipo de coisa. Você sempre foi a pessoa certa para assumir a loja.

Iversen pigarreou para que sua voz pudesse ser ouvida em meio ao barulho do trânsito.

— É muito bonito de sua parte, Jon. Mas não posso aceitar.

— Claro que pode — exclamou Jon. — Luca deve isso tanto a você quanto a mim.

— Talvez — admitiu Iversen. — Mas o sebo não é tudo. A herança de seu pai é mais que uma loja cheia de livros antigos.

— Dívidas?

— Não, não, posso lhe garantir que não é nada disso.

— Vamos, Iversen. Não faça brincadeiras de adivinhação no próprio enterro do homem — disse Jon, sem conseguir esconder sua irritação.

Iversen parou e deitou uma mão sobre o ombro de Jon.

— Lamento, Jon. Mas não posso dizer mais neste momento. Não é só uma decisão minha, entende?

Jon estudou com atenção o homem à sua frente. Por trás dos óculos de vovô, a expressão dos olhos azuis revelava ao mesmo tempo seriedade e compaixão. Jon encolheu os ombros.

— Tudo bem, Iversen. Não importa o que vocês tenham tramado, isso pode esperar até um momento mais adequado. Afinal de contas, não é exatamente de bom-tom discutir a herança num enterro, não é?

Aliviado, Iversen assentiu e deu-lhe um tapa carinhoso nas costas.

— É claro que você tem razão. Só queria ter certeza de que você estivesse ciente de que essa história ainda continua. Vamos nos encontrar em breve na loja para resolver tudo.

Já estavam no cruzamento entre a rua Nørrebro e a via Kapel, e Iversen se preparou para virar em direção à capela de novo. Jon parou e apontou para um bar do outro lado da rua.

— Vou tomar uma cerveja. Quer vir comigo? — perguntou. — Não faz parte do enterro?

— Não, obrigado — respondeu Iversen. — Vamos ter uma pequena reunião na loja. É claro que você também é bem-vindo.

Jon sacudiu a cabeça.

— Obrigado, mas não. Até logo, Iversen.

Apertaram-se as mãos, e, em seguida, Jon atravessou a rua e entrou no bar Det Rene Glas.

Eram só 14 horas, mas o ar já estava carregado de fumaça de cigarro, e a clientela fixa ocupava seus lugares havia tempo, seus corpos fusionados com as banquetas num tipo de simbiose voluntária. Lançaram um breve olhar sobre ele, mas evidentemente acharam-no desinteressante, e voltaram às suas bebidas.

Jon pediu um chope e sentou-se a uma mesa robusta de madeira. Por causa das manchas de cerveja que não haviam sido limpas, a mesa era antiterrorista, e uma lânguida lâmpada de cobre pendurada em algum lugar acima das nuvens de fumaça a iluminava. À mesa em sua frente, havia um homem magricelo com pele pálida, nariz adunco e cabelos desgrenhados. A jaqueta que trajava tinha remendos nas mangas, e a camisa por baixo era amassada e tudo menos limpa. Sobre a mesa havia uma garrafa de cerveja preta.

Com um breve aceno Jon cumprimentou o homem, mas em seguida tirou a pasta do caso Remer de sua valise para não convidar a mais contato. Bebeu sua cerveja e estudou o dossiê anônimo. Três dias haviam se passado desde sua visita ao escritório de Frank Halbech, onde o caso Remer lhe havia sido transferido oficialmente. Halbech certamente sabia da reputação

do caso, mas deu a entender que não, e entregou-o como se se tratasse de um furto de bicicleta ou de uma briga de vizinhos. A transferência em si foi feita de modo que Halbech jogou um molho de chaves na mesa diante de Jon. As chaves estavam fixadas num chaveiro adornado com um smurf, o Gênio, dando-lhe acesso ao escritório exclusivo dedicado ao caso, além de uma série de fileiras de arquivos que estavam atrás da porta. Cabia a ele mesmo adquirir uma visão geral do caso. De resto, Halbech estava mais interessado em saber quais haviam sido os professores de Jon na faculdade e se a morte do pai influenciaria seu trabalho. Jon havia lhe garantido que a morte de Luca não teria importância alguma no que dizia respeito a seu desempenho profissional.

Jon abriu a pasta à sua frente e passou os olhos pelas primeiras páginas. Era a tentativa feita por seu antecessor de resumir o caso, mas Jon sabia que não se livraria da árdua tarefa de ler por conta própria os milhares de páginas de material que o smurf Gênio guardava.

Poucos momentos depois de ele ter iniciado a leitura dos autos das audiências e dos interrogatórios, o homem da cerveja preta começou a ficar agitado e a emitir grunhidos de aborrecimento. Jon ergueu a cabeça e seus olhares se encontraram. Era óbvio que não estava tomando sua primeira cerveja; os olhos estavam injetados e turvos.

Jon desviou o olhar, tomou um gole de sua cerveja e voltou à leitura.

— Diga, você acha que isso aqui é uma sala de leitura?

Surpreso, Jon olhou para o homem da cerveja preta, que, com um dedo indicador curvado, deixou claro que estava se dirigindo a Jon.

— Perguntei se você acha que isso aqui é uma sala de leitura.

— Não, claro que não — respondeu, perplexo. — Mas não deve incomodar ninguém, desde que eu não leia em voz alta. — Jon sorriu amigavelmente.

— É justamente isso que acontece — exclamou o homem, pondo o dedo indicador na mesa. — A leitura pode incomodar muito, pode ser até perigosa. — Ele ia beber mais um pouco, mas desistiu no meio do gesto. — Não apenas para aqueles que leem, mas para todos os que estão por perto... a leitura passiva não é brincadeira!

Enfim, o homem da cerveja preta tomou sua bebida e, incapaz de adivinhar com que resposta ele ficaria contente, Jon fez o mesmo.

— Imagine se todos à sua volta lessem desenfreadamente — continuou o homem após bater a garrafa na mesa com força. — Todas as palavras e frases formuladas voariam pelo ar como flocos de neve numa tempestade. — O homem levantou as mãos e fez uma série de gestos descontrolados. — Iriam se misturar, colar umas nas outras para formar frases incompreensíveis, dividir-se para depois se juntar em palavras e parágrafos totalmente novos, que te deixariam louco na tentativa de encontrar sentido e significado em algo que não faria sentido algum.

— Nunca tive uma experiência assim — Jon arriscou-se a dizer, com cuidado.

— Ah! — exclamou o homem secamente. — É porque não escuta, de verdade. E se alguma vez aprender a escutar, estará perdido. Então terá de viver com as vozes dos livros pelo resto da vida, queira ou não. Não pode escolher. As poesias mais lindas, os romances de banguê-banguê e o tipo de lixo que você tem aí interferem no ar à sua volta, infestam-no. — O homem da cerveja preta resmungou e tomou sua cerveja.

Jon apontou para a pasta à sua frente.

— Está dizendo que isto aqui está falando para você agora?

O homem deu um riso condescendente.

— Textos sem leitores não dizem nada. É preciso haver leitores, mas então falam mesmo. Cantam, cochicham e até gritam. — Ele se inclinou com um movimento brusco sobre a mesa, quase derrubando a garrafa. — Imagine uma sala de leitura — disse, fazendo uma pausa para deixar a imagem fazer efeito. — Pode se transformar num vozerio ensurdecedor. É insuportável. — Ele se deixou cair na cadeira novamente e dirigiu um olhar carregado e avermelhado para Jon.

— Mas aqui você não escuta vozes? — perguntou Jon.

O homem da cerveja preta ignorou o sarcasmo e gesticulou com as mãos.

— Aqui é meu refúgio. Não há muitos leitores aqui, entende? — Agarrou a garrafa e apontou o gargalo para Jon. — Até a sua chegada, é claro — acrescentou e sorveu a cerveja.

— Sinto muito — disse Jon.

— Ah, você não entende nada mesmo — falou rudemente o homem, e levantou-se, ainda com a garrafa na mão. — Você pode ler quanto quiser. — Ele balançou um pouco antes de pôr o corpo em movimento. — Agora estou saindo.



Ao passar por Jon a caminho do balcão, exclamou quase inaudivelmente:  
— Seu pai entendia.

Pasmado, Jon fixou o olhar no homem que atirou sua garrafa sobre o balcão do bar e saiu cambaleando pela porta.

## 4

Depois de 15 anos de ausência, Jon resolveu visitar o Libri di Luca um dia depois do enterro. No decorrer dos anos, ele havia passado pelo lugar diversas vezes, e sempre parecia estar aberto, até tarde da noite. Às vezes, vislumbrava Luca por trás das vidraças, ocupado atrás do balcão ou arrumando os livros expostos na vitrine.

Sem dúvida, os sinos sobre a porta eram os mesmos da última vez que estivera ali, e o som o convidou de volta como se fosse um membro distante da família. Não havia nenhuma pessoa na loja, mas mesmo assim ele foi recebido por rostos conhecidos; as longas fileiras de estantes, o lustre do teto, as lâmpadas dos armários do mezanino e a máquina registradora prateada no balcão. Jon ficou parado do lado da porta, inalando o ar do local. Não conseguiu conter o sorriso torto que se formava no seu semblante.

Antes de sua mãe morrer, a loja havia sido seu lugar favorito. Quando Luca e Iversen estavam ocupados demais para ler para ele, Jon explorava a loja encenando as histórias entre os livros que as continham. Dessa forma, a escada tornou-se uma montanha para ele escalar, as estantes transformavam-se em arranha-céus de cidades futurísticas e o mezanino virou o passadiço de um navio de pirata.

Mas as memórias mais nítidas eram das muitas horas em que Iversen ou Luca lia histórias para ele, sentados na poltrona verde atrás do balcão com Jon no colo ou posicionados no chão à sua frente. Naqueles momentos, vivenciava histórias fantásticas cujas imagens era capaz de recriar até hoje.

O sebo parecia continuar exatamente igual, com a exceção de duas coisas: um pedaço da balaustrada do navio de pirata fora trocado por uma nova seção de madeira clara e viçosa, e um buquê de tulipas brancas enfei-

tava o balcão escuro. Essas mudanças tornavam a atmosfera calma do local diferente, eram como a imagem de um jogo dos dois erros.

— Ele chega daqui a pouco — soou de repente uma voz atrás dele.

Jon teve um sobressalto e virou-se em direção à voz. Meio escondida pela estante mais afastada estava uma ruiva de cardigã preto e vestido longo cor de vinho. Sua mão repousava na borda da estante, de modo que ocultava a boca e a ponta do nariz. As únicas partes visíveis do rosto eram o cabelo ruivo e os olhos verdes reluzentes que o observavam friamente.

Jon fez um aceno para ela e ia dar uma resposta, mas ela já tinha se recolhido atrás da estante de novo. Na parte dianteira da loja havia uma longa mesa, onde os livros mais recentes estavam expostos. Fingindo que ia estudar as novidades, ele se movimentou ao longo da mesa em direção ao corredor de estantes onde a mulher havia sumido. Ela havia chegado até a metade do corredor, e, como estava de costas, Jon podia ver que o cabelo ruivo estava preso num rabo de cavalo e chegava até a metade das costas. Com passos leves e felinos ela se movimentava ao longo das estantes, enquanto tocava no dorso dos livros com a ponta dos dedos, como se decifrasse algo escrito em braile ou procurasse irregularidades. Aparentemente, não leu os títulos dos livros pelos quais passava. Mais parecia uma cega que se guiava num ambiente familiar. Algumas vezes ela parou, deitando a palma da mão inteira no dorso, como se quisesse sugar as histórias dos livros. No final do corredor de estantes, a mulher dobrou a esquina, mas teve tempo de lançar um olhar de relance em direção a Jon, antes de sair do campo de visão novamente.

Jon voltou sua atenção aos livros à sua frente. Era uma coleção variada de ficção e não ficção, livros de capa dura e de bolso. Alguns eram como exemplares novos, intocados, sem qualquer arranhão ou dobradura, enquanto outros mostravam sinais evidentes de terem ido à praia ou feito uma longa viagem em uma mochila.

Até Jon ser alfabetizado de verdade, um de seus passatempos favoritos tinha sido vasculhar os livros recém-chegados à procura de marcadores. Assim como outros se dedicam de alma e coração a selos ou moedas, ele colecionava marcadores, e a variedade era quase igualmente grande. Havia os marcadores oficiais, pedaços retangulares de papelão com estampas que tinham — ou não — alguma ligação com o próprio livro. Outros eram mais neutros — bilhetes em branco, fitas, elásticos ou cédulas. Alguns marcado-

res revelavam indiretamente algo sobre os hábitos ou interesses do leitor. Podiam ser recibos, bilhetes, ingressos de cinema ou teatro, listas de compras, boletos bancários ou recortes de jornal. Finalmente, havia os marcadores mais pessoais, como cartões de visita, desenhos, cartas, cartões-postais e fotografias. A carta ou o cartão poderiam ser de um namorado, a fotografia poderia vir com uma dedicatória ou explicação no verso, e o desenho talvez fosse o presente de uma criança.

A não ser que se tratasse de dinheiro, que Jon geralmente tinha permissão de pegar, todos os marcadores eram colocados numa caixa de madeira que ficava debaixo do balcão. Na infância, se Jon não sabia o que fazer, tirava a caixa e distribuía os marcadores no chão como cartas de baralho, inventando a continuação das histórias que eles suscitavam.

Os sinos sobre a porta tocaram, e Iversen entrou com uma caixa vermelha de pizza na mão. Irrompeu num grande sorriso, e ao avistar Jon cumprimentou-o ruidosamente e apressou-se a fechar a porta.

— Que bom te ver — disse, e deixou a caixa de pizza no balcão, para depois estender a mão a Jon.

— Olá, Iversen — disse Jon, e apertou a mão dele. — Espero não estar incomodando — ele acenou em direção à pizza. O cheiro característico de queijo derretido e calabresa venceu o de pergaminho e couro por um momento.

— De jeito nenhum — exclamou Iversen. — Mas espero que não se incomode se eu começar já. Afinal, a pizza é melhor quente.

— Fique à vontade, pode atacar.

Iversen sorriu contente.

— Vamos lá embaixo, onde podemos falar sem interrupções — disse, e pegou a caixa.

— Katherina? — chamou Iversen enquanto passavam pelo corredor das estantes em direção à escada de caracol no fundo da loja.

A ruiva apareceu no final da fileira de estantes, como se tivesse aguardado a chamada. Era um pouco mais baixa que Jon, e seu corpo era esguio sem ser magro. Os cabelos ruivos emolduravam um rosto pálido e delgado, com lábios finos que se fechavam numa expressão apertada. Um par de olhos verdes observava Jon como se ele estivesse ali por engano.

— Vamos descer para a cozinha — disse Iversen. — Você poderia cuidar da loja por enquanto? — A mulher assentiu e retirou-se novamente.

— Sua filha? — perguntou Jon no meio da escada, cujos degraus desgastados rangiam muito sob o peso dos dois homens.

— Katherina? — exclamou Iversen sorrindo. — Não, não, ela é uma das amigas do Libri di Luca. Ultimamente, tem sido um suporte indispensável para nós dois velhinhos. É mais a parte prática com limpeza e coisas assim. — Iversen parou no final da escada. — Ela não é exatamente a mais óbvia candidata a vendedora de livros — acrescentou em voz baixa. Jon concordou.

— Parece um pouco tímida, não é?

Iversen encolheu os ombros.

— Não é bem isso. Ela tem dislexia.

— Uma disléxica num sebo? — exclamou Jon surpreso e um pouco alto demais, o que o fez baixar a voz num cochicho. — Está parecendo um pouco o elefante numa loja de cristais.

— Não quero falar mal de Katherina — disse Iversen sério. — Ela é mais inteligente que a maioria. Logo vai ver.

Estavam no pé da escada, num corredor caiado e iluminado por duas lâmpadas elétricas. Dos dois lados do corredor havia portas; uma dava para a cozinha, que era para onde Iversen estava se dirigindo. O quarto em frente estava escuro, mas Jon sabia que Luca o usava como oficina para encadernar e restaurar livros. No final do corredor, havia uma grande porta de carvalho.

A cozinha era pequena e funcional. Uma pia de aço, um armário na parede, um fogão de duas bocas, uma geladeira e uma mesa com três cadeiras dobráveis. Nas paredes e portas de armário, capas de livros e ilustrações descartadas preenchiam todos os espaços disponíveis.

Iversen colocou a pizza na mesa, tirou a jaqueta e pendurou-a num gancho do lado da porta. Jon seguiu seu exemplo.

— Adoro pizza — disse Iversen ao acomodar-se à mesa. — Sei muito bem que é comida para vocês jovens, mas não posso fazer nada. E nem é influência de seu pai. Ele detestava as pizzas dinamarquesas. — Iversen deu risada. — Não têm nada a ver com pizza, ele dizia. Em sua opinião, tinham recheio demais. Eram como sanduíches abertos super-recheados.

Jon sentou-se defronte de Iversen.

— Quer um pedaço? — balbuciou Iversen, já com a boca cheia.

Jon sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado, neste ponto concordo com Luca.

Iversen encolheu os ombros e continuou a mastigar.

— Mas enquanto eu como, me conte o que andou fazendo.

— Bem — começou Jon —, àquela altura fui morar com uma família de acolhimento, lá em Hillerød. Até que era OK, mas ficava meio longe da cidade, por isso voltei a Copenhague para morar num alojamento de estudantes assim que entrei na universidade. Na metade do curso, interrompi os estudos por dois anos trabalhando como assistente jurídico em Bruxelas — era como se fosse um tipo de aprendiz. De volta à Dinamarca, me formei em Direito como um dos melhores do meu ano, o que me levou a uma posição na empresa de advocacia Hanning, Jensen & Halbech, onde continuo trabalhando.

Jon parou de falar e descobriu que, na realidade, não tinha mais a acrescentar. Não que não tivesse mais nada a contar, podia descrever suas viagens, os momentos de aflição nos estudos, a concorrência por posições na empresa ou o caso Remer, que ganhara de bandeja, não sabendo se era um presente ou uma bomba. Mas para quê envolver Iversen agora, depois de tantos anos vivendo vidas separadas e com a perspectiva de que o contato seria definitivamente quebrado com a morte de Luca?

— Como já pode perceber não tive muito a ver com a literatura — acrescentou com um encolher de ombros.

— Talvez não exatamente literatura — admitiu Iversen entre dois pedaços de pizza. — Mas a palavra escrita tem grande importância para os mundos de nós dois. Cada um de seu jeito depende do *livro*.

Jon concordou.

— Hoje em dia, dá para conseguir a maior parte das informações eletronicamente, mas você tem razão. Todos do meu ramo têm a coleção das leis dinamarquesas em algum lugar. De certa forma, uma pilha de grossas obras de referência ainda inspira mais dignidade que um CD-ROM. — Ele abriu os braços. — Então suponho que sebos desse tipo ainda têm uma função?

Iversen devorou o último pedaço de pizza.

— Com certeza.

— O que nos leva ao motivo da minha visita — disse Jon num tom prático. — Você tinha algo que queria me contar?

— Vamos entrar na biblioteca — disse Iversen apontando para a porta. — Lá a atmosfera é... mais apropriada.

Levantaram-se e saíram para o corredor. Na infância, Jon era proibido de ficar no porão sem estar acompanhado por Luca ou Iversen e nunca tinha passado da porta de carvalho para onde estavam se dirigindo naquele momento. Aquele cômodo sempre figurara nas suas brincadeiras como um tesouro ou uma cela de prisão, mas, a despeito de suas súplicas, nunca tivera acesso a ele. A porta sempre estivera trancada, e depois de algum tempo ele desistira de perguntar. Chegando até a porta, Iversen puxou um molho de chaves do bolso da calça, pegando uma chave preta de ferro que inseriu na fechadura. Ao ser aberta, a porta rangeu de modo evocativo, e Jon sentiu um leve estremecimento.

— Aqui está a coleção Campelli — disse Iversen, desaparecendo na escuridão atrás da porta. Um momento depois, as luzes foram acesas e Jon entrou. A sala tinha pé-direito baixo, media cerca de 30 metros quadrados e estava revestida de um carpete grosso e escuro. No meio do ambiente havia quatro poltronas de couro com aspecto confortável em torno de uma mesa baixa de madeira escura. Todas as paredes estavam cobertas de estantes e armários repletos de livros de diversos tipos de encadernação. A maioria, no entanto, tinha dorsos de couro, e uma iluminação indireta do topo das estantes banhava os volumes e o restante da sala num suave brilho dourado.

Jon assobiou baixinho.

— Impressionante — exclamou deixando uma das mãos deslizar sobre as obras das estantes mais próximas. — Não que eu entenda alguma coisa disso, devo que admitir que é um espetáculo extraordinário.

— Posso lhe garantir que para quem entende do assunto isso não é menos impressionante — acrescentou Iversen. Sorria orgulhoso enquanto passava o olhar de estante a estante. — A coleção foi adquirida por seu pai e seus antepassados durante séculos. Muitas das obras viajaram por grande parte da Europa antes de parar aqui. — Com cuidado, tirou um livro da estante e acariciou o couro curtido com as pontas dos dedos. — Se apenas pudesse escutar eles falarem — disse para o nada. — Uma história sobre a história.

— São valiosos?

— Muito — respondeu Iversen. — Talvez nem todos em termos de dinheiro, mas certamente em valor afetivo e bibliográfico.

— Então, este é o grande segredo? — perguntou Jon.

— Parte dele — respondeu Iversen. — Sente-se, Jon. — Apontou para uma das poltronas de couro e foi fechar a porta. Com a porta fechada, a sensação era de estar num estúdio de som ou numa redoma. Nenhum barulho parecia poder perturbar o ambiente da biblioteca, e Jon teve a sensação de que ninguém do lado de fora poderia escutá-los, mesmo se gritassem alto. Acomodou-se numa das poltronas e descansou os cotovelos nos braços da cadeira com as mãos entrelaçadas à sua frente.

Iversen sentou-se na poltrona em frente a Jon e pigarreou antes de começar.

— Primeiro, você precisa saber que o que vou lhe contar agora, seu pai lhe contaria em algum momento, assim como Luca foi iniciado pelo pai dele, Arman. Deveria ter feito isso há muito tempo, mas o clima na sua família não tem sido exatamente o melhor para confissões.

Jon não disse nada, e a expressão de seu rosto não mudou.

— Não vamos entrar em mais detalhes sobre isso — disse Iversen rapidamente. — Mas gostaria de dizer que, já que não pode ser diferente, estou orgulhoso pela honra de lhe contar o que vai escutar agora.

A voz de Iversen tremeu quase imperceptivelmente, e ele fez uma inspiração profunda antes de continuar.

— Você mesmo observou como seu pai tinha um dom excepcional para a leitura, assim como o pai dele. Até eu, modéstia à parte, não sou tão ruim, mas nada em comparação a Luca. — Iversen fez uma pausa. — Então, Jon, quais qualidades você acha necessárias para um bom recitador?

Apesar de tudo, Jon conhecia Iversen bem demais para se deixar surpreender pela pergunta. Sentia-se transportado para um dos muitos momentos em que Iversen, entronizado na poltrona verde atrás do balcão, questionava Jon sobre as histórias que haviam lido para ele. Eram sempre perguntas incisivas pedindo a opinião de Jon sobre as histórias, as descrições e as personagens.

Ele ergueu os ombros.

— Prática, empatia e certa dose de atuação — respondeu, sem desviar o olhar do de Iversen.

O homem à sua frente fez um gesto confirmativo.

— Quanto mais a pessoa lê, melhor ela sabe ajustar o ritmo e fazer pausas nos lugares certos. Com a prática, a linguagem flui mais facilmente dos lábios e há energia para aplicar as outras duas características que você



menciona: a empatia e a atuação. Não é à toa que os atores muitas vezes são os que leem histórias no rádio.

Iversen inclinou-se em direção a Jon.

— Mas algumas pessoas têm uma carta a mais na mão, por assim dizer. — Ele fez uma pausa dramática. — Ler um texto não é um dom inato. A interpretação de letras não está nos nossos genes. É algo inatural, uma habilidade artificial que se adquire nos primeiros anos de escola, alguns com maior facilidade e talento que outros. — Lançou um olhar para o teto e indicando a loja no andar de cima, onde Katherina provavelmente dançava entre as estantes. — Durante a leitura diversas áreas do cérebro são ativadas. É preciso reconhecer símbolos e padrões, associá-los a sons, reuni-los em sílabas e enfim interpretar o sentido da palavra. Além disso, a palavra terá de ser relacionada com o contexto onde aparece para que faça sentido...

Jon se deu conta de que balançava o pé com impaciência e parou imediatamente.

— É claro que é relativamente banal o que estou falando — desculpou-se Iversen. — Mas não é algo em que pensamos no dia a dia, e é só para enfatizar a complexidade do processo de leitura, desde a palavra no papel à sua frente até o som que sai dos lábios. Muitas áreas do cérebro estão envolvidas na tradução do símbolo para o som, ou para a compreensão, se a pessoa ler em voz baixa. E é nessa interação que algo fantástico pode acontecer.

Os olhos de Iversen brilhavam, como se ele estivesse prestes a desvendar uma obra de arte jamais vista.

— Em alguns poucos de nós, toda essa atividade mental inclui áreas do cérebro que nos permitem influenciar os ouvintes psicologicamente.

Jon ergueu uma sobrancelha, mas ao que parece a reação não era suficiente para fazer com que Iversen continuasse.

— O que quer dizer? — perguntou Jon. — Que podem emocionar as pessoas com o texto que leem para elas? Não será apenas uma questão de técnica?

— Até certo ponto — admitiu Iversen. — Mas isso vai além. Somos capazes de influenciar as pessoas sem que elas estejam cientes disso, influir na sua percepção do texto, do tema ou de outros aspectos.

Jon estudou atentamente o homem à sua frente. Ou ele estava louco, ou era uma piada, e Iversen não era o tipo de pessoa que brincava com a literatura.

— Se quiséssemos, poderíamos mudar a atitude das pessoas em relação ao assunto abordado pelo texto. Poderíamos, para dar um exemplo extremo, fazer com que um padre católico defendesse o aborto. — Iversen abriu um sorriso, mas ainda não havia sinal de que não estivesse falando sério.

— Mas como? — perguntou Jon.

— Bem, eu não sou a melhor pessoa para esclarecer isso, mas posso explicar o princípio geral, deixando os detalhes para outra ocasião. — Ele pigarreou antes de continuar. — Na minha compreensão, trata-se do seguinte: ao recebermos informações, por exemplo, por meio da leitura, da recitação, de um filme, da TV ou seja o que for, nós, e refiro-me a todos nós, abrimos um tipo de canal que adapta, classifica e distribui as informações. É também nesse ponto que há uma acentuação mediante a conjugação da mensagem recebida, da interpretação, de experiências, atitudes e convicções anteriores. Aliás, é esse processo que determina se gostamos da música que escutamos ou se concordamos com os argumentos do locutor.

— E vocês podem controlar essa... acentuação? — interrompeu Jon.

— Exatamente — respondeu Iversen. — Nós, que praticamos essa arte, somos chamados de *Lettori*, e durante a leitura de um texto somos capazes de carregá-lo com a acentuação que quisermos, e assim influenciar a experiência e a atitude do ouvinte em relação ao texto.

Jon estava começando a ficar um pouco irritado. Não estava acostumado a se ocupar com sentimentos, sensações e alegações não documentadas. No seu mundo, não valia a pena ocupar-se com um caso sem testemunhas confiáveis, fatos ou indícios muito fortes. Aquilo parecia uma questão de fé, e não lhe convinha de forma alguma.

— Você pode provar alguma coisa disso? — indagou Jon com firmeza.

— Não se trata de uma ciência exata, e há muitos elementos que não compreendemos plenamente. Por exemplo, certos tipos de texto se mostraram mais indicados que outros. A ficção, portanto, é mais eficaz que a não ficção, e a qualidade das obras também faz diferença. Um fato ainda mais curioso é que o potencial do texto pode variar de acordo com o material, se a leitura está sendo feita a partir de uma tela, uma fotocópia barata ou da primeira edição. No caso, a última opção é muito mais forte que as outras. Isso também indica que certos livros, ao serem lidos, são *carregados* de modo que a próxima recitação do texto torna-se mais forte, mais eficiente na transmissão da mensagem e das emoções nela contidas. Livros antigos e

muito lidos são, portanto, mais fortes que livros novos e intocados. — Iversen tirou os olhos de Jon, deixando-os passar pelas prateleiras a seu redor.

Jon levantou-se e foi até uma das estantes mais próximas.

— Esses livros são carregados? — perguntou com ceticismo, tirando um volume ao acaso.

— Muitos deles são — respondeu Iversen. — É possível literalmente sentir a carga ao segurar um dos exemplares mais potentes.

Jon deitou toda a palma da mão sobre o livro que havia tirado. Depois de alguns segundos, sacudiu a cabeça, colocou o livro de volta e repetiu o procedimento com outro.

— Não consigo sentir nada — constatou enfim, com frustração na voz.

— É preciso possuir o dom — explicou Iversen. — E, além disso, certa prática.

Jon ajeitou o livro no lugar e virou-se para Iversen.

— E como é que se adquire esse dom? Como é que se torna um *Lettore*?

— É inato — foi a breve resposta de Iversen. — Não é algo que se pode aprender ou mesmo escolher. Seu pai herdou o dom do pai dele, Arman, que, por sua vez, o herdara do pai e assim por diante. Portanto, é altamente provável que você tenha herdado o dom de Luca.

Ele fez uma pausa antes de frisar o ponto.

— Você pode ser *Lettore*, Jon.

Jon encarou Iversen com incredulidade. O sorriso nos lábios do velho havia sumido e sua expressão estava muito séria, parecendo incompatível com um homem tão jovial. Jon abriu as mãos para as estantes à sua volta.

— Mas eu já lhe disse que não consegui sentir nada.

— Na maioria dos casos, o dom é latente — disse Iversen. — Alguns nunca o descobrem, outros nascem ativos, enquanto outros são ativados por acaso. No entanto, a maioria mostra algum tipo de talento nesse sentido, ou relacionado com sua escolha de profissão ou na execução dela. — Lançou um olhar indagador para Jon. — E você, Jon? Já passou por situações em que sua leitura influenciasse ou entusiasmasse as pessoas?

Embora Jon tivesse a sensação de influenciar as pessoas quando apresentava as alegações finais, nunca notara algo especial relacionado a isso. Nada de canais, energias ou cargas de qualquer tipo — era simplesmente técnica de leitura, nada mais.

— Talvez eu leia melhor que a maioria — admitiu Jon. — Mas isso pode não significar nada.

Iversen sacudiu a cabeça.

— Não mesmo. É bem possível ter talento para a leitura sem ser *Lettore*.

Jon cruzou os braços.

— Luca era *Lettore*?

— O melhor — afirmou Iversen.

— E os amigos da Libri di Luca... são *Lettori*?

— A maior parte, sim — respondeu Iversen.

Jon visualizou as pessoas presentes na capela e tentou substituir a imagem de um grupo excêntrico por outra, a de uma conjuração. Sacudiu a cabeça.

— Então há uma coisa que não consigo entender direito — disse. — Se tudo isso tem a ver com a leitura... O que uma disléxica está fazendo aqui?

— Katherina? — disse Iversen sorrindo. — Ela é um capítulo à parte.

## 5

Katherina sentou-se no topo da escada do mezanino e dobrou as pernas para poder descansar o queixo nos joelhos. Dali era possível ver a loja inteira e, mais importante, a porta. Mesmo agora, uma semana depois da morte de Luca, ela ainda esperava ver a porta se abrir e o diminuto italiano entrar no sebo com uma expressão satisfeita, como se tivesse chegado em casa em vez de iniciar um novo dia de trabalho. Nos últimos anos, ela também teve essa mesma sensação ao empurrar a porta e escutar os sinos convidando-a a entrar. O som dos sinos transportava-a para outro estado, um estado de calma e segurança, e ela imaginava que Luca sentira o mesmo.

Mas tudo aquilo mudaria agora.

Seu olhar deteve-se naquela parte da balaustrada que havia sido trocada. O marceneiro, um conhecido de Iversen, havia se esforçado para encontrar madeira com coloração compatível com o antigo corrimão, mas o reparo recente ainda estava em evidência. Só depois de alguns anos a diferença se tornaria imperceptível.

Do porão, Katherina não podia mais escutar as vozes de Iversen e do filho de Luca, e adivinhou que haviam se retirado para a biblioteca. Logo após a morte de Luca, ficou sabendo do filho pela primeira vez, uma informação que lhe pegou de surpresa. Depois de dez anos na loja e do que ela própria considerava uma amizade estreita tanto com Iversen quanto com Luca, não deixou de se sentir um pouco excluída. Iversen afirmou que Luca tivera seus motivos para manter segredo, e nem Iversen conhecia todos os motivos, mas aparentemente tinha algo a ver com a morte da mãe.

No enterro, ela teve a oportunidade de observar o filho de perto. Ele lembrava o pai, mas era muito mais alto que Luca. As feições do rosto eram as mesmas, olhos escuros, sobrancelhas espessas e cabelos quase pretos,

confirmando sua suposição de que Luca havia sido um homem atraente quando jovem.

Katherina não foi a única a se surpreender com a descoberta de que Luca tinha um filho. Iversen apresentou o fato à Sociedade dos Bibliófilos, e os membros pareciam estar tão surpresos quanto ela. Havia sido uma reunião longa, e a única coisa que Iversen estivera disposto a revelar depois foi que decidiram envolver o filho. Katherina percebeu que era contra a vontade de Iversen, mas não aprofundou o assunto.

No andar de baixo, ele provavelmente tinha iniciado a inteiração. Elucidar não iniciados era uma tarefa ingrata, mas Iversen era o mais indicado para o papel. Que explicação ele usaria dessa vez? Com certeza, a do canal. Um pouco técnica demais para o gosto dela. Katherina precisou decifrar o enigma por conta própria até que, anos mais tarde, conheceu outros com o mesmo mal — ou dom — dependendo do ponto de vista, ou melhor, das circunstâncias.

Como remetente, Iversen via os poderes sob outro ângulo. Katherina era receptora, as duas faces da mesma moeda, Iversen certamente diria a Jon, mas para Katherina havia uma diferença significativa que não poderia ser explicada pela inversão de sinais ou moedas. Assim como Iversen estava descrevendo, havia dois tipos de *Lettori*, remetentes iguais a ele mesmo, que tinham o poder de influenciar os ouvintes durante a leitura e assim infundir-lhes sua própria percepção e postura para com o texto.

O outro tipo eram os receptores, entre os quais Katherina.

A primeira vez que ela se deu conta disso mal estava consciente. Sofrera um acidente de trânsito e tanto ela quanto os pais foram gravemente feridos. Numa grande cama de hospital, passou vários dias sedada. Despedaçado, seu pequeno e franzino corpo estava remendado com parafusos e gesso. Foi nesse estado que ouviu alguém ler histórias para ela. Em meio à nebulosidade provocada pelos medicamentos, escutou uma voz clara contar a história de um jovem excepcionalmente passivo que deixou a vida passar sem participar ou tomar atitudes em relação àquilo que ocorria à sua volta. Embora estivesse sedada, sua alienação não a impediu de sentir curiosidade, em parte sobre o dono daquela voz calma, em parte sobre a estranha história, que ela não conseguia entender. Não era engraçada, nem bonita, nem empolgante, mas o magnetismo da voz cativou sua atenção e conduziu-a.

Quando finalmente a tiraram da sedação, outras coisas passaram a ocupar seus pensamentos. Os pais encontravam-se em estado gravíssimo e impossibilitados de visitá-la. Além disso, havia suas próprias feridas, que só cicatrizavam lentamente debaixo de grossas camadas de curativos — um tema tabu para os numerosos parentes que a visitavam, com olhos úmidos e vozes trêmulas.

Ao passo que recobrava a consciência começou a escutar vozes. Não a mesma voz que havia lido para ela, mas vozes diversas, quase indistintas, que a atormentavam de dia e a deixavam acordada à noite. Às vezes as vozes vinham acompanhadas de imagens momentâneas, impressões que a invadiam e exigiam sua atenção para depois desaparecer com a mesma rapidez. Um dia ela pediu à enfermeira que chamasse a pessoa para ler a última parte da história. Ela sentia falta daquela voz calma que a acompanhara pelo período de sedação. A enfermeira a olhou admirada. Ninguém havia lido nada para ela. Bem que havia dividido a sala com um senhor de idade enquanto estava sedada, mas não podia ter sido ele quem lera para ela. Por causa de um câncer de laringe, as cordas vocais dele haviam sido retiradas.

A família foi bastante complacente, pensando que a separação dos pais naturalmente havia afetado a menina. As vozes que ela alegava escutar deviam ser uma reação da experiência traumática pela qual passara. A mãe estava melhor e podia visitar a filha, mas o pai ainda estava no respirador e as perspectivas de sobrevivência eram incertas. Todos tratavam Katherina com o maior cuidado e compreensão, mas com o passar do tempo, depois de ela e a mãe terem alta, as pessoas à sua volta começaram a acreditar que sua mente sofrera danos mais permanentes. Fisicamente ela escapou com algumas cicatrizes nas pernas, nos braços e uma pequena no meio do queixo, que lhe dera uma fenda masculina no rosto tão feminino. A cicatriz no queixo tornou-se um lembrete constante do acidente para ela, e frequentemente ela era vista esfregando o lugar com o dedo indicador e uma expressão distante nos olhos.

Sua distração não diminuiu as preocupações da família, e ela foi encaminhada a um psicólogo infantil que não soube oferecer outra coisa senão pílulas, uma solução que parecia manter as vozes a distância, mas fazendo a mesma coisa com o resto das impressões externas.

Pelo mesmo motivo, ela mal registrou que o pai teve alta, permanentemente confinado a uma cadeira de rodas e tão amargurado com a vida que

passou a maior parte do tempo fechado no seu escritório sem querer falar com ninguém.

Ela começou a vaguear por aí, fugindo dos ataques de raiva do pai atrás da porta fechada e das vozes. Havia lugares onde elas a deixavam em paz. Os campos de Amager eram um bom lugar, e ela aproveitava qualquer oportunidade para andar de bicicleta até as áreas verdes onde podia ficar horas a fio apreciando o silêncio. A escola era o pior lugar, e logo ela começou a faltar aulas para ir ao parque.

Naturalmente, era só uma questão de tempo antes de a família ser alertada sobre as faltas, e ela viu como seu estado não afetava apenas ela mesma mas também prejudicava todos à sua volta. Foi a essa altura que decidiu se reconciliar com as vozes. Para os outros, ela fingiria que não existiam mais, que ela tinha passado por uma cura miraculosa, mas para si mesma ela começou a escutar. Ela queria descobrir o que desejavam, desvendar por que era justamente por ela que procuravam, se ela mesma era sua vítima. Até então se recusara a escutar o que diziam, e suspeitou que não se dirigissem diretamente a ela — pareciam vir de um rádio sintonizado em diversos canais ao mesmo tempo. Talvez fossem realmente sinais de rádio que ela era capaz de captar?

Sendo disléxica ela era alheia ao mundo das letras, e a conexão entre os símbolos incompreensíveis das páginas e as vozes que ela escutava na sua cabeça quando outros os liam lhe passou despercebida por muito tempo. Mas um dia no ônibus ela se deu conta do fato. Estava olhando pela janela e escutava uma clara voz de mulher que contava a história de uma menina de tranças ruivas, sardas e tanta força que era capaz de carregar um cavalo. Era uma história divertida, e numa passagem especialmente engraçada ela não conseguiu conter o riso — deu altas gargalhadas, para o grande espanto dos seus companheiros de viagem, salvo um. Na última fileira, um menino com um livro nas mãos estava rindo tanto quanto ela. Mesmo do seu lugar na frente do ônibus, Katherina reconheceu nitidamente a menina das tranças ruivas na capa do livro.

Os sinos sobre a porta da Libri di Luca tocaram, despertando Katherina de seu devaneio. Um homem de uns 30 anos, de óculos de aro de tartaruga, jaqueta cotelê e uma bolsa de couro surrada, estava no vão da porta com a mão na maçaneta. Era evidente que não conhecia a loja, porque reagiu



como a maioria dos recém-chegados; passava o olhar surpreso pelo ambiente, sobretudo em direção ao mezanino, como se nunca tivesse visto um sebo de dois andares. Provavelmente, Katherina comportou-se da mesma maneira ao descobrir a Libri di Luca dez anos antes, mas o espanto de novos fregueses sempre a deixava um pouco irritada. Sim, é um sebo. Sim, há um mezanino com obras raras em armários envidraçados. Sim, é um lugar fantástico, faça o favor de comprar alguns livros e ir embora. Se fosse por ela, a Libri di Luca seria fechada para clientes.

O homem dos óculos de aro de tartaruga avistou Katherina no topo da escada, baixou imediatamente o olhar e apressou-se a fechar a porta. Em seguida, dirigiu-se à mesa onde os livros recém-chegados estavam expostos.

Katherina levantou-se e desceu a escada vagarosamente.

O intruso passou a vista sobre as capas.

— NocaminhodeSwannOsprazereseosdiasJamesJoyceAbsalomAbsalomJohannesVJensenBuddenbrooksJacobStegelmannaRenascençaGótica-ExLibrisJorgeLuisBorgesEspíritosrebeldesFicçõesDumasOClubeFranzKafkaRobertMusil...

Os nomes de autores e títulos de livros zuniam caoticamente na cabeça de Katherina, parecendo o som de uma gravadora em alta velocidade. Ela apertou os dentes e continuou até a poltrona de couro verde atrás do balcão. O cliente ergueu o olhar por um momento para cumprimentá-la com um aceno, e a torrente de vozes parou. Katherina retribuiu o cumprimento e sentou-se na poltrona.

— PegadasnocéuAartedechorarPerHøjholtCatálogoDeLatourNikolaiFrobeniusSvendÅgeMadsenAméricasKjærstadOpalácioOcavalodemadeiraCarlSchmittBennQHolmPoéticaecríticaFrankFønsUmaconversasériaJeffMatthewsÚltimodomingodeoutubro — chilreavam as vozes, e ela reclinou-se e fechou os olhos. Katherina não conseguia bloquear completamente as vozes, mas graças a Luca e Iversen aprendera a baixar o volume.

Dez anos antes, ao passar pelo Libri di Luca, ela fora parada por uma voz. Era um final de tarde chuvoso, de modo que ela não aguentou andar de bicicleta até o parque, e acabou perambulando pelo bairro de Vesterbro, onde procurava áreas silenciosas — qualquer lugar desde que pudesse ficar em paz por algum tempo. Depois de descobrir a ligação entre as vozes e os

leitores, ela procurou evitar os piores locais, e, nesse dia, isso a levou até a rua do Libri di Luca.

Ela reconheceu imediatamente a voz que a interrompeu. Era idêntica à voz do hospital, que fora sua guia durante a sedação. Ela olhou em volta, mas não havia ninguém por perto. Aproximou-se da loja, e a voz ficou mais nítida. Chegando tão perto que podia olhar pelas janelas, ela viu um grupo de cinquenta pessoas sentadas em cadeiras dobráveis na parte da frente da loja. Do lado do balcão havia um homem de 50 e poucos anos, com cabelos grisalhos e um fervor mediterrâneo no rosto. Segurando um livro nas mãos, ele lia com tanto entusiasmo que todo o seu corpo participava da história.

Katherina abriu a porta com cuidado, e, embora os sinos sobre ela chamassem a atenção para sua chegada, o leitor não interrompeu a história, mas lançou um olhar amigável em sua direção. Ela sentou-se no fundo do local e fechou os olhos. Embora o homem atrás do balcão fosse um leitor brilhante, não era a voz dele que Katherina viera escutar, e ela a afastou tampando os ouvidos e concentrando-se na outra voz, aquela que conhecia do hospital. Ficou sentada assim na última fileira, com os cotovelos nos joelhos, fechando os ouvidos e os olhos. Por dentro, encheu-se da voz e das imagens criadas pela história, cenas da cidade onde se passava, os apartamentos humildes, pássaros sobre os telhados, a poeira e a sujeira das ruas. Embora não fosse uma história feliz, ela sentiu-se segura, e, se não estivesse com o rosto voltado para o chão, seria possível ver lágrimas em seu rosto.

De repente, tudo acabou. A leitura terminou e as pessoas à sua volta aplaudiram. Ela tirou as mãos dos ouvidos a tempo de escutar que o nome da história era *O estrangeiro*. O texto estava sendo discutido, mas Katherina permaneceu sentada com os olhos fechados e o rosto inclinado para o chão. Os presentes começaram a levantar e a andar pela loja, e, assim que passaram a estudar os tomos nas estantes, títulos, nomes de escritores e trechos de livros inundaram Katherina. Vozes e imagens invadiram-na numa torrente cada vez mais intensa, e ela precisou mobilizar todas as suas forças para levantar e cambalear em direção à porta. A intensidade parecia aumentar quando ela estava em pé, era como se tivesse se erguido numa tempestade violenta, e foi cada vez mais difícil manter o foco na porta de saída. Depois de alguns poucos passos, ela caiu no chão.

Quando voltou a si, a loja estava vazia, com a exceção do recitador que lhe fez perguntas preocupadas sobre seu estado antes de apresentar-se como Luca. Estava sentado numa cadeira dobrável na frente dela. Ela estava semideitada numa poltrona macia de couro atrás do balcão. Com a saída dos espectadores, as vozes também desapareceram, mas ela estava tão exausta que não conseguiu ficar de pé.

Luca acalmou-a dizendo que era melhor esperar o tempo necessário para recobrar as forças. Continuou conversando num tom tranquilizador sobre coisas do dia a dia: a loja, as noites de leitura, os livros e mesmo o clima, até que de repente lhe perguntou por quanto tempo havia escutado vozes.

A pergunta a surpreendeu, e ela esqueceu sua promessa de não revelar aquilo a ninguém e acabou contando tudo a ele. Descobriu que Luca tinha um conhecimento espantoso de seu caso e fazia perguntas até sobre a força das vozes: se ela conseguia afastá-las, quando as havia escutado pela primeira vez e se conhecia outros com a mesma experiência. Ela respondeu o melhor que pôde, e percebeu pela primeira vez que alguém a compreendia e a levava a sério. De seu jeito descontraído, do qual ela viria a gostar tanto nos anos por vir, Luca explicou que ela não era a única; pelo menos metade das pessoas presentes na recitação tinha o mesmo dom.

Katherina jamais considerara aquilo um dom. Para ela, eram as vozes que a visitavam, apoderando-se de sua atenção, e não ela que se sintonizava a elas. Mas esse era o caso, explicou Luca, o dom lhe permitia acoplar-se ao canal que se abria quando as pessoas liam, não importando se lessem em voz alta ou baixa.

Em 15 minutos ele lhe ensinou uma técnica que a tornou capaz de abafar as vozes de modo que não a perturbassem. Embora fosse uma técnica que exigisse prática, o efeito foi tão notável na primeira tentativa que Katherina irrompeu em lágrimas de puro alívio. Consolando-a, Luca a convidou a visitar a loja quantas vezes quisesse para aperfeiçoar a técnica. Embora ela pudesse treinar o abafamento das vozes sem a supervisão dele, ele frisou que nunca deveria tentar intensificar ou influenciar as vozes de outra forma antes de ser mais experiente. Mais tarde, Katherina descobriria por quê.

O cliente do Libri di Luca estava disperso. Entre as imagens fugazes produzidas pelos fragmentos dos livros que lia, surgiam imagens sem relevância

para os textos. Era um dos efeitos do dom. Além de escutar o texto que estava sendo lido, Katherina muitas vezes via as imagens produzidas na mente do leitor, e, se este pensava em várias outras coisas ao mesmo tempo, tais imagens também apareciam como pequenas sequências inseridas num filme. Tratava-se de um dom colateral que precisava ser praticado, mas, com a ajuda de Luca ao longo dos anos, ela se tornara capaz de perceber os pensamentos de um leitor desconcentrado, como no caso do homem dos óculos de aro de tartaruga.

Aparentemente, ele se encontraria com uma moça mais tarde, porque imagens dela surgiam com frequência, assim como a imagem do local de encontro (a praça da Câmara Municipal), do restaurante onde iriam comer (Mühlhausen) e das fortes esperanças eróticas para o resto da noite. Katherina sentiu as faces arderem.

Ela não era capaz de decifrar os pensamentos de qualquer um dessa forma. De acordo com Iversen, isso dependia da imaginação da pessoa, da nitidez das imagens criadas pelo texto e do subconsciente, e também do estilo de leitura. Os leitores superficiais criavam uma série de imagens rápidas que, nos casos mais extremos, a deixavam tonta, transformando-se em desenhos animados estilizados. Outros leitores demoravam tanto, mas tanto, que as imagens pairavam nítidas e repletas de informações, permitindo que ela as explorasse e fizesse um zoom nos mínimos detalhes, como numa foto de espionagem de um satélite.

— Vou levar estes aqui — soou uma voz tímida, e Katherina abriu os olhos. O homem dos óculos de aro de tartaruga estava na frente do balcão com dois livros estendidos em sua direção, encolhendo os ombros num gesto de quem pede desculpas.

— São 80 coroas — disse Katherina, sem olhar para os livros de bolso escolhidos. Já se revelaram como *O sono eterno* e *Palácio da lua*, a 30 e 50 coroas, respectivamente. Ela se levantou e pegou uma sacola debaixo do balcão, enquanto o cliente remexia os bolsos à procura de dinheiro. Ele pagou e deixou a loja carregando um saco plástico preto com Libri di Luca estampado em letras douradas.

Às vezes, seu talento como *Lettore* compensava a dislexia, e, em muitas situações, Katherina era capaz de esconder a deficiência. Por um período no ensino fundamental, conseguiu “melhora notável” nas aulas de reforço de leitura, mas se o professor ou os outros alunos não prestassem atenção

ao texto, ela estava tão incapaz de decifrar o significado das letras como antes, o que lhe trazia reveses nas provas.

Luca achou que havia uma ligação entre a dislexia e o dom de *Letttore*. Nas aulas de prática, logo descobriu que o dom de Katherina era muito forte, e, em sua opinião, a dislexia o intensificava em vez de debilitá-lo. Assim, tentou convencê-la a ver o dom como uma dádiva e não uma punição, que era o que ela havia pensado até então. Mas apesar de ser *Letttore*, Luca era alheio às experiências de Katherina por não ser receptor.

Devia ser pior ainda para o filho de seu mentor, que estava sendo iniciado nos segredos dos *Lettori* na sala do porão. O ceticismo que ela mesma sentira ao ser instruída por Luca desapareceu logo porque já sentira os efeitos na própria pele, e aqui havia uma explicação, certamente extraordinária, mas mesmo assim uma explicação à qual ela podia se ater. Mas como aquilo pareceria a alguém de fora ela simplesmente não podia imaginar. Como ele reagiria?

No mesmo momento, Katherina escutou o ranger da escada, e em seguida Iversen apareceu. Ele suave, e seu rosto estava um pouco vermelho, como quando uma discussão o deixava entusiasmado ou agitado.

— Ele quer provas — disse ofegante. — Você pode fazer uma demonstração?